



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



Ciências Biológicas Integral

Elise Mazon Albejante

Wari': Corpos Iguais, Culturas Diferentes



Rio Claro
2009

Elise Mazon Albejante

Wari': Corpos Iguais, Culturas Diferentes

Orientadora: Célia Regina Rossi

Co-orientadora: Bernadete de Castro Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Rio Claro, para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas.

Rio Claro

2009

572.7c Albejante, Elise Mazon
A328w Wari' : corpo iguais, culturas diferentes / Elise Mazon Albejante. -
Rio Claro : [s.n.], 2009
99 f. : il., figs., tabs., fots., mapas

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura e Bacharelado -
Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Célia Regina Rossi

Co-Orientador: Bernadete Aparecida de Castro Oliveira

1. Etnologia. 2. Indígena. 3. Sexualidade. 4. Gênero. 5. Transformação
cultural. 6. Wari'. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Agradecimentos

São tantas pessoas à agradecer que me perco em meus pensamentos...

Primeiramente agradeço às pessoas de Sagarana, pela hospitalidade... Por terem aberto o meio social à alguém que mal tinham ouvido falar. Por todo crescimento que me proporcionaram, por tantas risadas... Por sempre rirem e expressarem seus sentimentos com tamanha sinceridade.

Agradeço as inesquecíveis noites ao luar recheadas de histórias, curiosidades de todos os lados. As visitas que me enturmavam nos momentos de solidão. Os diversos presentes, as conversas e tantas trocas que realizamos. Agradeço também a abertura da escola e aos momentos que passei com os jovens, ensinando e aprendendo.

Também sou grata aos passeios na serra, as pescarias, os banhos de rio, os alagamentos de canoas, as comidas, as chichas, os artesanatos, o jogo de futebol, as colheitas, entre outros mutirões que tive a oportunidade de participar e de rir de mim mesma juntamente com vocês. Sou eternamente grata a toda oportunidade por tantas oportunidades.

Agradeço especialmente os Wari' que me deram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a visão de mundo que têm e que trazem de seus ancestrais. Sou profundamente grata a Ariram, por estar sempre ali, para me convidar a algum passeio ou para me dar algumas dicas, sempre disponível. Também agradeço o Candido, marido da Ariram, que era o administrador na primeira vez que fui à Sagarana, uma pessoa quieta, porém com um coração muito bom. Agradeço o Co'um e a Helena, por se disponibilizarem a me ajudar em meu trabalho, sempre tirando minhas dúvidas.

Agradeço muito os jovens, sempre disponíveis as idéias desta *waijam*, seja em aulas, seja em oficinas de dobradura ou de macramê. De forma especial, meus agradecimentos vão para Rogério Tempranam, Tocarom, Amarildo OroWao' Tata, Cristiane Piyim, Wem Prawan, Francilina Tocohe Wayo; pela paciência e disponibilidade que tiveram comigo.

Agradeço a Jéssica e a Vânia, por estarem sempre presentes. O Mijain, por toda hospitalidade e disposição para me levar aos diferentes programas, sempre me apresentando as pessoas da comunidade. A Letícia e o João, por toda a atenção. A

Marines, que, com sua delicadeza e sensibilidade, consegue transformar o dia das pessoas. A Angelina e ao Pixot, pela constante simpatia.

Meus profundos agradecimentos a Genailde e Fabiana, que apesar de termos convivido em momentos curtos, serão guardados eternamente, pois foram momentos de mudanças para nós três e depois tivemos gostosos reencontros.

Agradeço também aos amigos dos meus pais que se tornaram meus amigos... Agradeço o Juarez, à Orowao, seus filhos e filhas. O Daniel e a Cristina, que, juntamente com seus filhos, estiveram sempre ali, para o que eu precisasse, obrigada pelo acolhimento. A Pacao e o Harem, cujo sorriso dado no dia em que nos conhecemos, eu jamais esquecerei e por todo o apoio que me deram. Os seus filhos Com'um, Tooji, Top'Arai, Maxun Hat e suas respectivas esposas Helena, Neide, Luzia, Sandra e seus filhos, sempre abertos para conversas e se mostrando muito amigáveis. Além do filho mais velho, o Piau e a Eva, pessoas que admiro e agradeço a receptividade desde o princípio. Agradeço também aos filhos de Piau e Eva, por toda simpatia. Em especial o OroWao, que tive a oportunidade de conhecer há bastante tempo e que admiro cada vez mais.

Meus profundos agradecimentos também vão para o Tem Xico e Pacao, muito abertos a conversas e com os quais me simpatizei desde o princípio. Também agradeço os seus filhos Wem e Edimilson, pela abertura que tiveram desde o início. A Luiza, cujo abraço jamais esquecerei, mulher forte, de muita garra... Tenho certeza que vai se sair bem deste momento difícil... Te desejo muito amor, para que você possa passar por este momento com o coração fortalecido. O mesmo desejo para os seus filhos Genilson, Genildo, Edna e Regina. Também a seus respectivos companheiros, companheira, filhos e filhas. O mesmo vale para o Tem Xico.

Agradeço a paciência de todos que participaram na revisão dos dados, como a Ariram, a Genailde, o Miranda, a Morotim, o Harem, o Piau, a Eva, o OroWao, a Hatem, o Cacami, a Quimoi, a Fabíola, dentre outros que participaram daquele e de outros momentos, tirando minhas dúvidas.

Minhas eternas gratidões para o Gil, pela força dada desde o princípio, por estar sempre disponível a conversas e discussões para aprimorar meu entendimento com relação ao olhar dos Wari'. Obrigada Iva, Pê, Vera e Ir. Fátima, sempre me acolhendo, me mostrando a realidade indígena de Guajará...

Agradeço o Dom Geraldo que, apesar de vários desencontros, pudemos desfrutar de ótimos momentos... Assim como Ir. Isabel, que me mimou com suas

comidinhas ou frutinhas nos meus momentos de carência em Sagarana. Meus profundos e eternos agradecimentos a Alexandrina, sempre muito hospitaleira, me ensinando seus quitutes, me contando as histórias de sua vida no Guaporé, jamais te esquecerei. Não posso deixar de agradecer seu irmão, Isauro, por tanta disponibilidade em me ajudar. Neste mesmo viés, agradeço a Elisia e toda sua família, por me acolher em sua casa, mesmo com minha chegada surpresa... Muito obrigada pelo apoio!!!

Enfim, agradeço todas as pessoas de Rondônia que, de uma forma ou de outra, me apoiaram neste momento tão importante de minha vida.

Obrigada Célia, por ter me mostrado caminhos e me ajudado nas minhas desconstruções, abrindo meu olhar perante a sociedade. A Bernadete, por me ajudando nas minhas dúvidas sobre antropologia, sempre com uma leitura a indicar. Aparecida, por sempre responder meus emails de dúvidas e por ter se disponibilizado e me recebido na minha ida ao Rio de Janeiro. Nesta mesma ocasião, tive a honra de conhecer o Paletó e o Abraão, obrigada pela simpatia e pela paciência em tirar minhas dúvidas...

Agora, não posso deixar de agradecer a minha família. Sem ela, talvez eu não tivesse nem o anseio de buscar conhecer a cultura Wari'. Agradeço meus pais, não só pelo apoio e pai/mãetrocinio de toda vida... mas por serem as pessoas que são, não consigo me ver filha de outro pai e de outra mãe. Obrigada por serem abertos ao diálogo e, pode ter certeza, que isto nos estruturou e nos fez enxergar as diversas possibilidades do mundo... Vocês foram e sempre serão *importantíssimos* em minha vida, amo muito vocês!!!

Amo também meus segundo, terceiro, quarto e quinto "pais e mães", meus irmãos, que sempre quiseram cuidar da caçulinha aqui. O Dani, que em nossos longos debates, pudemos construir e crescer juntos! A Rafa, por ser prestativa sempre que necessário. A Lia, sempre dando um jeitinho de me mimar... A Carlotinha, que basta a sua presença para me alegrar, obrigada por sua sensatez. O Wem, pelo ótimo humor, sempre animando o ambiente! A Amanda, por completar o grande humor do Wem, e com estilo! A Madalena, pessoa muito importante na minha vida, me disciplinou e me ensinou muitas coisas... O Bruno, pelo seu jeito serelepe!!! A Master, por sua doçura...

Os irmãos que conheci na faculdade... Azeite, Atum, Naninha, Aline, Tatá, Pingüim, Buda, Rubia, Ana Menina, Luis, Diogo, Curió, Spock e Meta-Zooa em geral:

construímos nossa trajetória pela faculdade... Quando entramos, éramos um bando de “moleques” e “molecas” curtimos, fomos nas baladas, bebemos, nos conhecemos, filosofamos e fomos descobrindo várias coisas da vida juntos!!! Apesar de cada um tomar um rumo, levo vocês em meu coração...

Mas não posso deixar de evidenciar a FORMIGUEIRO!!! Minha família rioclareense... QUANTAS SAUDADES!!! Amo muito vocês, minha irmãzinhas de coração... A Tatá, que apesar de ter seus momentos insanos, é uma das pessoas mais abertas a diversidade que já conheci e, por isso, admiro muito!!! A Aline, que conheço desde pequenininha, mas que precisei morar junta pra poder conhecer, estreitar os laços e ver que é uma pessoa linda, engraçada e cheia de criatividade!!!! A Nanoca, pessoa que me fez abrir os olhos pra muita coisa, com você pude desconstruir vários conceitos. Foi engraçado Naninha, precisou eu ir pra Rondônia pra gente perceber o quanto éramos parecidas... Meus amores, tenho certeza que seremos amigas SEMPRE!!! Amo e sinto muita falta de vocês...

Existem pessoas que surgem e, só de olhar, já sabemos que pode dar uma bela amizade... Engraçado que são pessoas com quem eu quase não convivi na faculdade, mas os poucos momentos foram suficientes e intensos a ponto de deixar gostinho de quero mais, mas sem pressa... Foi assim que aconteceu com a Maira, Aline Campos, Daniel ENRI, Regina e Arianne... Espero que possamos estreitar nossos laços!!! (Com a Aline isso já ta acontecendo, né?!)

A todo o pessoal da Éxciton, por momentos artísticos que compartilhamos. Em especial a Cátia, por sua doçura e energia de paz... e a Maria, amigona, SEMPRE!!! Os compromissos nos afastaram um pouco, mas sei que posso contar contigo... Você também está em meu coração flor!!!

Também agradeço a Só se for Agora, que me acolheu assim que voltei de Rondônia, pessoas com quem pude aprender MUITO! Confesso que eu ainda era meio tímida com vocês... rrsrs! Mas sei que foi o início de uma amizade, que se consolida a cada dia!!! Obrigada Milena, por sua acolhida e compaixão. A Chavero, que se dispôs a dividir seu quarto e que sempre anima com sua forma carinhosa de ser! A Lulu, que pude conhecer melhor na segunda viagem à Rondônia, menina de ouro, cheia de sensibilidade e inteligência, virou uma irmãzinha minha! O Preps, um cara que admiro, sempre uma boa companhia. O Atum, amigo de longa data, com quem pude conviver rotineiramente por um tempo, pessoa que se atrapalha no tempo, mas que tem sensibilidade e potencial... Quero te ver deslanchar, viu?! E

pode ter certeza que vou te procurar pra gente conversar, também pode contar comigo para nossas longas conversas que tanto gosto.

Não me esqueço do Faísca, do Gente Fina, da Luz e da Jabu... Amados!!! O Faísca com todo seu cavalheirismo e cordialidade, o Pina brincalhão e muito atencioso, a Luz que sempre soube se posicionar e por quem sempre tive simpatia e a Jabu, com suas massagens mais gostosas...

Ao meu querido Michel... pela paciência que tem quando estou nervosa ou afobada, pela disponibilidade quando estou passando por perrengues, pela sinceridade que estrutura nosso relacionamento, pelos rangos deliciosos, pelos carinhos ao longo do dia, por me aceitar assim, com o meu modo itinerante de ser, pelos momentos de crescimento e fortalecimento do nosso relacionamento e pelos momentos de deleite, que possamos passar ainda muitos momentos agradáveis juntos.

Enfim, agradeço profundamente tod@s que passaram na minha vida e que, pelo simples fato de uma convivência (mesmo que breve), mudou algo em meu caminhar. Cada momento é único e a eles agradeço!

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa com a área de ocupação dos Wari' entre as décadas de 1920 e 1960 (Dados dos locais habitados pelos wari' a partir do etnomapa confeccionado por Vilaça, 2006).....	18
Figura 2: Mapa com as Terras Indígenas Atuais.....	24
Figura 3: Casa tradicional Wari'. (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	28
Figura 4: Cama tradicional dos Wari' (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).....	28
Figura 5: Campo de futebol com casas ao fundo, Sagarana, 2009 (Foto: Luiza Teixeira Bussius)	29
Figura 6: Foto de uma casa Wari' atual, Sagarana, 2009 (Foto: Elise Mazon Albejante)	29
Figura 7: Na esquerda, mulher cuidando de uma criança e "pisando" o milho para fazer chicha. À direita, mulher carregando uma criança com uma fita de algodão. (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	39
Figura 8: Provavelmente grupo voltando de sua roça (<i>xítot</i>) (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	40
Figura 9: Homem pescando com arco e flecha (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	46
Figura 10: <i>Wakam</i> , instrumento tocado pelos homens Wari' nas festas tradicionais (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	49
Figura 11: Mulher fazendo esteira (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	56
Figura 12: Mulher carregando panero cheio de milho (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).....	72
Figura 13: Festa com música, dança e chicha (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	76
Figura 14: Homens voltando de uma caçada com suas flechas, caça no ombro e assoviando para anunciar a chegada na aldeia (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	78
Figura 15: Casa temporária, usada atualmente para pernoitar na mata (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).	80
Figura 16: Artesanatos Tradicionais. (A) Tambor tocado nas festas; (B) Borduna; (C) Panero; (D) Cesto Tradicional; (E) Machado de Pedra; (F) Flecha Tradiciona. (Fotos: Luiza Bussius e Michel Metran da Silva)	97
Figura 17: Diferentes formatos de cestos e Marico (bolsa tradicional de outra etnia). (Fotos: Luiza Bussius e Michel Metran da Silva).....	98

Lista de Tabela

Tabela 1: Terras Indígenas Wari'	23
Tabela 2: Atividades femininas no passado e no presente	38
Tabela 3: Atividades Masculinas realizadas no passado e no presente	44
Tabela 4: Tabus Alimentares na Gravidez	68
Tabela 5: Características das Festas realizadas pelo povo Wari'.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
1. Cultura e Sexualidade.....	12
2. O povo Wari'	14
2.1 Primeiros Contatos.....	20
2.2 Expedições Pacíficas	22
2.3 Sagarana.....	24
3. Estrutura das Aldeias.....	26
4. O corpo Wari'	30
OBJETIVOS	32
METODOLOGIA.....	33
ANÁLISES E RESULTADOS	37
1. Atividades Femininas.....	37
1.1 Passado	38
1.2 Presente.....	41
2. Atividade Masculina	43
2.1 Passado	44
2.2 Presente.....	45
3. Artesanato	47
3.1 Passado	47
3.2 Presente.....	50
4. Educação.....	51
4.1 Papel da Mãe	52
4.2 Papel do Pai.....	53
4.3 Passado X Presente.....	54
5. Educação Sexual.....	54
6. Menstruação	55
7. Paquera	57
8. Namoro	58
9. Relação Sexual.....	60
10. Casamento	62
11. Rapto de Mulher	66
12. Traição.....	67
13. Gravidez	68
14. Parto	72
15. Amamentação.....	73
16. Método Contraceptivo.....	73
17. Festa.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS E APÊNDICES	86
ANEXO 1-A.....	86
ANEXO 1-B.....	89
ANEXO 2	95
APÊNDICE 1	96
APÊNDICE 2	97
APÊNDICE 3	98

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar o trabalho, cabe ressaltar o que motivou a pesquisadora realizar o mesmo. Ela foi buscar na cultura Wari' o que tanto a instigava em sala de aula, no curso de Ciências Biológicas. A concepção de corpo que se tem na cultura não indígena e, mais especificamente, na ciência. Como os processos fisiológicos e seus conceitos são normatizados, fazendo com que definam como eles devem ocorrer no corpo, seus desejos, sua orientação sexual, seus anseios. Enfim, como estes conceitos são transferidos para a sociedade e como esta se apóia neles, para explicar a sexualidade e o corpo sexual.

Ou seja, como estas idéias se misturam e quais seriam as influências que a cultura não indígena obteve das diversas culturas indígenas, partindo do pressuposto que em meados de 1500 se iniciou um grande processo de miscigenação entre europeus, africanos e indígenas.

Com isso, a pesquisadora foi buscar na cultura Wari', cujo contato com a cultura não indígena ocorreu apenas no século XX, a concepção que se tem do corpo feminino e do corpo masculino. Para então observar quais as transformações ocorridas dentro desta civilização indígena após um contato mais intenso com esta cultura externa e, de forma mais implícita, as transformações ocorridas na cultura não indígena.

Para tal, este trabalho, teve que se estruturar nos moldes científicos, uma vez que as inquietações da aluna, agora na universidade, tomaram força e se constituíram em pesquisa.

O trabalho se desvelará com a introdução, com o desenvolvimento, abordando o povo Wari', a metodologia, as análises e resultados, e por fim, as considerações finais. Entretanto, sabendo que a introdução "tem o objetivo de situar o leitor no 'estado da questão', colocá-lo a par da relevância do problema e do método de abordagem" (SALOMON, 1979, p.221), ressalta-se que, por este trabalho ter um viés antropológico e se tratar de uma etnia indígena não muito conhecida pela maioria dos brasileiros, há a necessidade de historicizar a origem dos Wari', sua

gente, seu cotidiano, como se deu o contato entre os Wari' e os não indígenas, sua estrutura social e sua concepção de corpo

Não será aprofundado tudo que se refere ao povo Wari', uma vez que há muito por contar, mas espera-se que, com este pequeno apanhado, os leitores possam procurar em outras pesquisas, documentos e livros, o aprofundamento na descoberta deste povo, que é de suma importância na construção de nossas origens, de nossa cultura.

Cabe ressaltar ainda que há diversos aspectos culturais interessantes na cultura Wari', como a espiritualidade, a alimentação, o pajé, a pintura corporal, entre outros. Porém, estes assuntos possuem uma complexidade tamanha que cada qual poderia constituir diferentes trabalhos e, caso fossem abordados aqui, seria demasiadamente superficiais. Além disso, o tema central da pesquisa é a sexualidade e a relação de gênero que se tem na cultura Wari'.

Entretanto, há determinados pontos da discussão que os mesmos aparecem, já que uma cultura é composta por temas interconectados. Portanto, o trabalho caminhou por explicar os pontos chaves para a compreensão dessas discussões.

Os temas abordados se restringiram aos aspectos culturais que se relacionavam ao tema proposto na pesquisa, pois, segundo Salomon (1979, p.219), um trabalho de monografia é aquele que se especifica a um único assunto, no caso deste, a sexualidade de uma cultura indígena.

Há ainda alguns dados coletados que não serão relatados, ou por não pertencerem ao tema central da pesquisa, ou por um respeito à comunidade, uma vez que foi combinado entre as partes, tanto por respeito, quanto a pedido da própria comunidade, para não abordar determinados temas.

A pesquisa abordou a divisão de trabalho baseada em gêneros, os papéis femininos e masculinos, os espaços e o papel que cada o gênero se coloca em suas atividades. Também foram abordados os temas relativos à sexualidade, como os relacionamentos afetivos, desde a paquera, namoro até casamento e traição. O entendimento que se tem das relações sexuais, da gravidez, da menstruação, da amamentação, do parto, dos métodos contraceptivos e todos os temas transversais que os envolvem, também foram motivos de pesquisa. Além disso, foram tratados os artesanatos e as festas, assim como seus significados.

Como já anteriormente afirmado, antes de dar continuidade ao trabalho, a pesquisadora relatou como os Wari' compreendem seu próprio corpo. Esta concepção é fundamental, e embasará toda a discussão dos resultados e, sem a mesma, a compreensão do olhar Wari' pode ficar presa aos olhares culturais não indígenas, nos quais os ditos 'civilizados' estão demasiadamente impregnados na sua própria cultura.

Aprender a pensar, aprender o olhar-pensante não é somar conhecimentos já internalizados, apropriados. Mas é estabelecer relações entre semelhanças e diferenças. E para isso, uma "forma" do pensar ou do olhar não tem serventia. A minha forma se exercita, se instrumentaliza na quebra das amarras de um olhar comum, na procura consciente da própria forma de olhar, no exercício de buscar ângulos novos, na construção de relações. É um olhar de pensamento divergente. (MARTINS, 2003).

Sendo assim, a desconstrução, como método de trabalho, para a abertura das crenças culturais divergentes quando comparadas com a cultura não indígena, se faz fundamental.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1. Cultura e Sexualidade

“Os antropólogos sabem de fato o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar este conhecimento.” (MURDOCK, 1932 apud LARAIA, 2009, p.63). Nota-se com esta frase inicial, que o conceito de cultura é algo construído e em constante transformação, assim como a própria cultura. Portanto, é difícil definir a cultura com apenas uma linha de pensamento restrita, fechada e somente com um referencial teórico.

Com isso, Keesing apud Laraia (2009, p. 60) cita que há três teorias idealistas de cultura: 1. Cultura como sistema cognitivo; 2. Cultura como sistemas estruturais; 3. Cultura como sistemas simbólicos.

A primeira teoria baseia-se no estudo de classificação de *folk* e, segundo ela, cultura é tudo aquilo que o indivíduo precisa conhecer e acreditar para se interagir harmonicamente em uma sociedade.

A segunda, a teoria estruturalista, desenvolvida por Claude Lévi-Strauss, preocupa-se em definir os princípios da mente que geram a estruturação dos domínios culturais, pois acredita que a cultura, é “um sistema simbólico que é a criação acumulativa da mente humana.” (KEESING apud LARAIA, 2009, p.61)

Já na terceira teoria, a cultura é um conjunto de mecanismos que ditam regras, costumes, moral, valores, instruções direcionando o comportamento do indivíduo que nela vive. “Estudar a cultura é, portanto estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.” (LARAIA, 2009, p.63)

Nesta última teoria, a cultura é construída socialmente e é ela que organiza as regras de condutas aceitáveis no meio em que o indivíduo vive. Ela é diferente, dependendo de onde se vive e pode se transformar ao longo dos anos, ou seja, também é vária de acordo com a época.

Observa-se que o corpo, orgânico, é o instrumento para se viver esta cultura, e não o contrário. Sendo assim, não é o corpo/ a natureza humana física, que define a cultura de um local e sim, a cultura que irá definir as maneiras de viver aquele corpo orgânico. Existe, portanto, uma dialética entre as necessidades biológicas de um corpo humano e *como* supri-las, pois embora as necessidades primordiais do ser humano serem comuns a toda espécie, a maneira de satisfazê-las varia de acordo com o ambiente/cultura onde se está inserido. (LARAIA, 2009, p.37)

O natural, uma palavra que hoje em dia precisa ser compulsivamente colocada entre aspas, é simplesmente o cultural congelado, preso, consagrado, des-historicizado, convertido em senso comum espontâneo ou verdade dada por certa. (EAGLETON, 2005, p.135)

Segundo Laraia (2009, p.19), se for analisada a divisão sexual do trabalho em diferentes culturas, percebe-se que não será o corpo biológico, que é naturalizado pela sociedade, explicando suas manifestações e suas atribuições, que irá definir a função de cada gênero e sim os pressupostos da cultura em questão.

Entretanto, por muito tempo tentou-se, e ainda hoje há várias tentativas neste sentido, naturalizar a sexualidade, explicando a mesma através da ciência que a caracteriza por instintos, relacionando a sexualidade ao sexo e aos instintos sexuais.

O termo sexualidade não existia antes do século XIX. Em 1905, Freud escreve as “Três Conferências sobre a Teoria da Sexualidade”, sua importância é a separação que ele faz entre sexualidade e instinto (CHAUÍ, 1984, p.14). A principal diferença entre estes dois pontos é que o instinto é um comportamento fixo, peculiar de uma espécie, já a sexualidade é “polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo. Não se reduz aos órgãos genitais [...]” (CHAUÍ, 1984, p.15)

[...] os dicionário registrem como tardio o surgimento da palavra *sexualidade*, momento em que o termo *sexo* passa a ter um sentido muito alargado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidades (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização). Esse alargamento fez com que o sexo deixasse de ser encarado apenas como função de prazer ou desprazer [...] para ser encarado como um fenômeno mais global que envolve nossa existência como um todo, dando sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais (como o trabalho, a religião, a arte, a política) que, à primeira vista, nada têm de sexual. (CHAUÍ, 1984, p.11, grifo da autora)

E será neste sentido que esta pesquisa tratará da sexualidade, como uma construção social e cultural, podendo se dispor de diferentes formas em diferentes culturas, assim como ocorre na cultura não indígena brasileira e na cultura Wari’.

2. O povo Wari’

A etnia Wari’, também conhecida como Pakaa Nova, não possuía um nome que a designasse como um todo antes do contato pacífico entre a mesma e os não indígenas. No passado, e ainda hoje, eles se dividem em oito subgrupos (que será especificado mais adiante) e chamam as outras etnias de *waijam*, que significa inimigo. Após o conhecimento da existência deste grupo, os não-indígenas passaram a chamá-los de Pakaa Nova, por ter relatos de um primeiro contato, ainda distante (foram apenas avistados) no rio homônimo. Porém, é como Wari’ que gostam de ser chamados (palavra que significa “nós” / “gente”) e será desta forma que a pesquisadora os designará. (CONKLIN & VILAÇA, 1998; HAVERROTH, 2004, p.81; VILAÇA, 1991/1995, p.556, 1998, 2006, p. 55)

Esta etnia pertence à família isolada Txapakura (CIMI - RO, 2002, p.51), composta, segundo Nimuendaju (1943-1944, apud VILAÇA, 2006, p.219) pelos seguintes grupos: Capakura, Moré (ou Itene), Huanyan, Matama (ou Matawa), Cujuna, Kitemoka, Pacaas Novas, Urumacan, Cumuna, Uomu, Abitana, Kabisi, Itoreuhip, Mure, Nepaka, Itén, Torá, Jarú, Urupá e Rokorona. O mesmo autor ainda ressalta que nos anos que realizou sua pesquisa, os grupos Torá, Mure, Jarú, Urupá, Itén, Abitana, Rokorona, Capakura, Kitemoka e Napeka estavam extintos (VILAÇA, 2006, p.219). Entretanto, Peggion apud VILAÇA (2006, p.219) afirma que há ainda alguns indígenas Torá, tentando se reorganizar.

Atualmente diversas referências apontam que os grupos remanescentes da família Txapakura são, além dos Wari’, os Torá, os Cujibim, os Cabixi, os Moré ou Itenes, os Miguelem e os Orowin, sendo poucos os representantes deste último grupo, já que foram praticamente dizimados pelos ataques dos não-indígenas (CIMI - RO, 2002, p.51, CONKLIN & VILAÇA, 1998). Estas etnias, segundo Vilaça (1991/1995, p.556) viviam em sua maioria na bacia do Madeira e são os únicos falantes de uma língua de tal família, porém não são os últimos representantes dos povos pertencentes a estes grupos, o que mostra uma maior representação de culturas deste tronco lingüístico.

É curioso tratar a questão das origens dos grupos e subgrupos de uma mesma família. Ribeiro (1995, p.29) aponta a bipartição de grupos indígenas, falantes da mesma língua, após seu crescimento e, com o passar do tempo, os costumes e dialetos transformam-se diferentemente, sendo assim, estas partes que constituíam um mesmo povo passam a não se reconhecer mais e se tornam grupos ou subgrupos diferentes.

Na mitologia Wari¹ há uma evidência da origem dos subgrupos. O mito chama-se “Dilúvio” e seu foco principal não é este assunto, entretanto, como aponta Vilaça (2006, p.56), a origem dos subgrupos é relatada ao final de algumas versões contadas à ela. Esta mesma pesquisadora ainda relata que a origem dos subgrupos não ocorreu de uma vez e sim a partir uns dos outros, o que corrobora com o apontamento de Ribeiro sobre a bipartição de um grupo, para a origem de novos grupos, citado acima.

Segue abaixo o mito de forma resumida²

Houve uma forte chuva por vários dias, vendo a situação um homem chamado Nanananana resolveu sair dali, pois percebeu que haveria uma alagação. Convidou seus parentes para fugirem também, entretanto os mesmo quiseram permanecer por ali, pois com o aumento do nível de água, passou a ter muitos peixes nas casas. Então Nanananana e suas filhas saíram dali e foram para sua roça. De repente, ouviram o barulho de alagamento da aldeia e viram que a aldeia havia afundado e todos que ali permaneceram haviam morrido. Como estavam isolados, decidiram procurar pessoas para se casarem com as mulheres. Após alguns dias encontraram e fizeram a aliança entre alguns homens e as filhas de Nanananana. Com o tempo os casais tiveram filhos e a população cresceu e se espalhou, formando os diferentes subgrupos.

¹ Ressalta-se ainda que a pesquisadora do presente estudo analisou as diferentes versões descritas por Vilaça (2006, p.56-58 e 307-319), uma das principais pesquisadoras do povo Wari' e uma versão contida numa coletânea de mitos Wari' feita por Arruda & Col.(1997, p.9-15). Com isso, foi decidido descrever resumidamente o mito usando o referencial da Aparecida Vilaça, porém, caso o leitor queira ler outras versões deste mito, olhar Vilaça (2006) ou Arruda (1997).

² Este trabalho contará com duas versões em texto integral (copilado exatamente como o original) que trata da discussão do mito na etnia Wari', em anexo 1 (A e B), elaborada por Arruda (1997) e Vilaça (2006), por entender, que este anexo tem como tema transversal a divisão do trabalho dentro da cultura Wari', baseada em gênero. Com isso, ele desvelou a esta pesquisa suporte importante para a compreensão da cultura e das suas dinâmicas com relação ao gênero e ainda, dará ao leitor a oportunidade de conhecer mais sobre o povo e seus mitos.

Ao contrário do que se possa parecer, cada filha de Nanananana não constituiu um subgrupo diferente, e sim todas faziam parte de um mesmo subgrupo, que cresceu e, como os Wari' nunca gostaram de viver em aldeias com grande número de pessoas (para uma explicação mais detalhada ver "Estrutura das Aldeias"), se espalhou. Com a distância geográfica, cada agrupamento passou a ter peculiaridades distintas, formando os diferentes subgrupos gradativamente. (VILAÇA, 2006, p.57)

Estes subgrupos que compõe a etnia estudada são: OroNao, OroEo, OroAt, OroMon, OroWaram, OroWaramXijein, OroJowin e OroKaoOroWaji (VILAÇA, 2006 p.55; VILAÇA, 1992 p.11; VILAÇA, 1998; VILAÇA & CONKLIN, 1998; CONKLIN, 2001; MEIRELES, 1986 p.124). Segundo Vilaça (2006, p.60) e Conklin (2001, p. 25-26) tanto os OroJowin quanto os OroKaoOroWaji foram extintos. Conklin ainda ressalta que este segundo subgrupo se misturou aos OroWaramXijein. Porém, a pesquisadora deste atual estudo, em seu período na aldeia de Sagarana, observou pessoas que se diziam pertencer ao subgrupo OroKaoOroWaji e outras que diziam pertencer tanto ao subgrupo OroJowin quanto ao subgrupo Oro Mon.

Em relato pessoal, um indígena pertencente deste segundo caso afirmou ser OroJowin. Contou que um pouco antes do contato houve uma festa em que algumas crianças OroJowin defecaram próximo às casas dos anfitriões, com isso os indígenas presentes apelidaram-nos de OroMon (povo das fezes), entretanto tal fato não anula o subgrupo OroJowin.

Cada subgrupo foi dividido pelos próprios Wari' através de suas peculiaridades, sendo que os nomes simbolizam-nas. O prefixo *Oro*, presente em todos os subgrupos, é, segundo Vilaça (2006, p.55) e Meireles (1986, p.71) uma partícula coletivizadora, podendo esta ser traduzida como "povo", "grupo".

Portanto, OroNao é o "povo dos morcegos" (VILAÇA, 2006; p.57), os OroEo são, a partir da descrição de Vilaça (2006, p.58), o "povo do arrotto", pois arrotavam após cantar e falar. Os OroAt ou "povo dos ossos", para Vilaça (2006, p.57) gostavam de comer osso e para Meireles (1986, p.129), eram designados assim por serem compridos e magros. Os OroMon, "povo das fezes", tinham o hábito de defecar próximo às casas (MEIRELES, 1986; VILAÇA, 2006).

Ainda segundo Vilaça (2006, p.55), os OroWaram eram o "povo do macaco-aranha"; os OroWaramXijein eram o "povo macaco-aranha outro"; os OroJowin

“povo do macaco-prego” e os OroKaoOroWaji “povo dos comedores de verde”, que, segundo Meirelles (1989, p.129) *Kao* quer dizer comer e *Waji* significa fruta verde.

Este grupo indígena, até onde se sabe, habitou pelo menos entre as décadas de 1920 a 1960 nas proximidades da cidade de Guajará-Mirim, a qual se localiza no estado de Rondônia, próxima a divisa com a Bolívia. A etnia habitava as proximidades de igarapés e distantes dos grandes rios, pois eles acreditavam/acreditam que eram nos grandes corpos de água que se localizava a aldeia dos mortos, a qual será detalhada mais adiante. (VILAÇA, 2006)

Estes igarapés se localizavam nas redondezas da Serra Dos Pacaas Novos e a Cordilheira Pacaas Novos e eram nestes locais que os Wari’ faziam tanto suas roças quanto suas aldeias. Estes igarapés eram afluentes dos seguintes rios: Rio Ribeirão, Rio Mutum-Paraná, Rio Formoso, Rio Laje, Rio Pacaas Novos, Rio Ouro Preto, Rio Negro, Rio Novo, Rio Dois Irmãos; sendo que alguns destes rios são afluentes do Rio Mamoré, à Leste, o qual delimita a fronteira Brasil-Bolívia. Para visualização da região onde os Wari’ habitavam antes do contato pacífico, adotou-se um mapa que salienta os rios citados acima e destaca a região onde ficavam as casas e as roças desta etnia. (**Figura 1**)

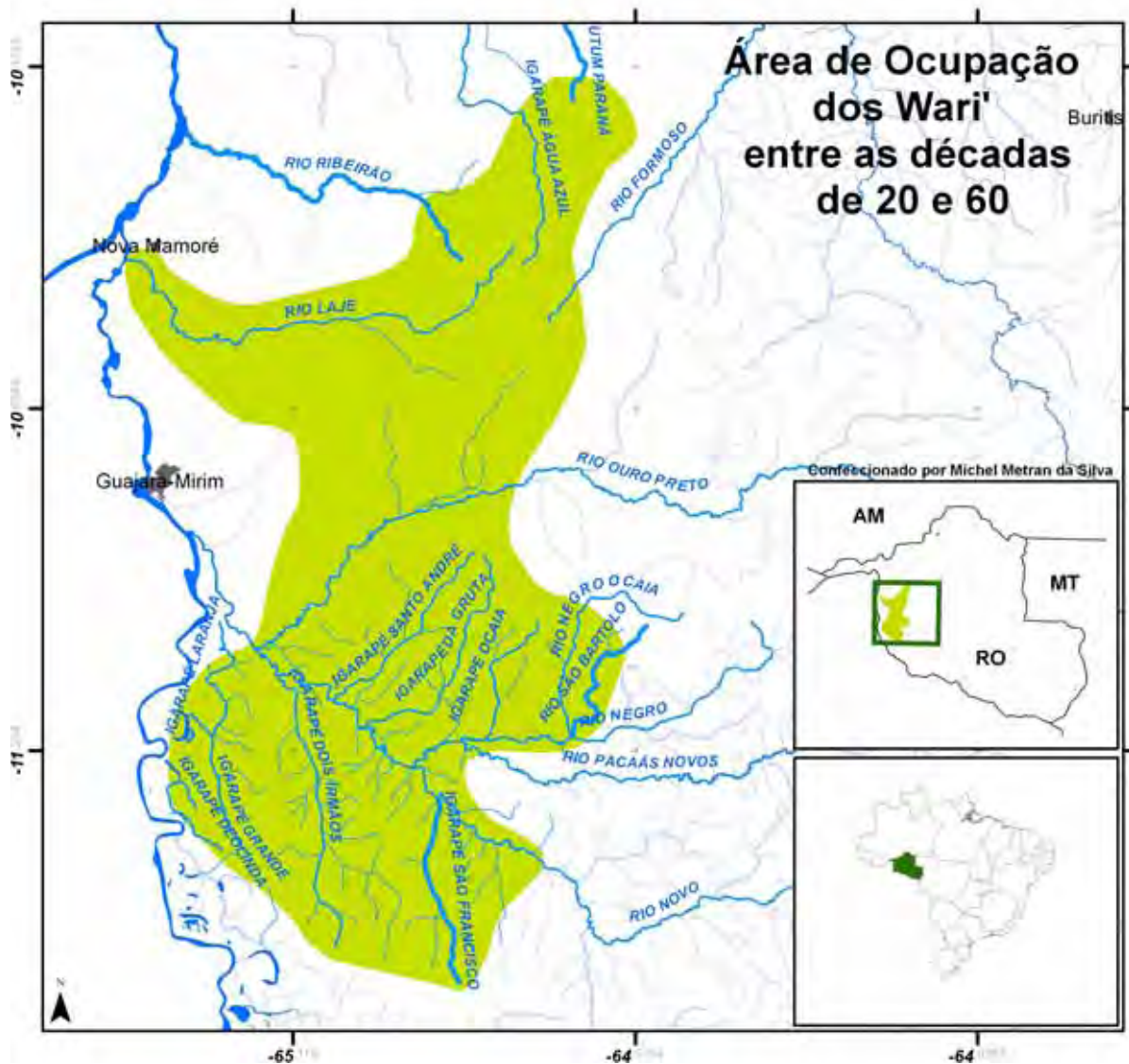


Figura 1: Mapa com a área de ocupação dos Wari' entre as décadas de 1920 e 1960 (Dados dos locais habitados pelos wari' a partir do etnomapa confeccionado por Vilaça, 2006)

Eram nas proximidades dos igarapés que os Wari' construía suas roças ou *xitot*, e também organizavam suas aldeias. O sistema de plantio utilizado por esta etnia se resumia na derrubada de um local feita, no passado, com os machados de pedra (Apêndice 2, **Figura 16- E**) e, segundo Vilaça (2006, p.64) a partir da década de 1920 foi introduzido o machado de metal.

Com o primeiro tipo de machado, a área do roçado era menor, sendo que eram retiradas apenas os vegetais baixos e os galhos das árvores altas, posteriormente faziam uma queimada no local. Eles usufruíam destas roças por um, dois ou mais anos até que o solo daquele local tivesse sido todo utilizado, depois partiam para outra região em busca de uma área para a abertura de sua nova *xitot*, sendo que a área “abandonada” ficava em estado de pousio. (VILAÇA, 2006, p.64)

Durante o período de plantação e de colheita, havia a construção de casas temporárias, nas quais as pessoas se abrigavam. Cada homem casado era responsável pela abertura de sua roça e alguns homens solteiros também a faziam, especialmente os rapazes comprometidos, pois davam alimento para suas mães e irmãs solteiras e também à sua futura esposa, sogro e sogra.

Após o plantio, os Wari' esperavam o milho crescer cerca de 10 a 20 cm, posteriormente partiam para suas aldeias na floresta, pois acreditavam que se o milho fosse visto durante seu crescimento, ele morreria, antes mesmo de produzir suas sementes, principal fonte de alimento para estes indígenas. (VILAÇA, 2006; CONKLIN, 1989)

Com isso, partiam para a floresta e, quando encontravam um local adequado, se instalavam, formando a aldeia propriamente dita, que possuía casas não mais temporárias. Eles habitavam tal área durante o período em que se utilizavam de uma determinada roça, portanto, habitavam essas aldeias, segundo Vilaça (2006, p.61), num período entre um a cinco anos. O mesmo é observado com relação ao povo Xavante, que se instalava em um local por alguns anos e logo se mudava (SILVA, 1983; p.43).

Cada grupo de pessoas se acomodava em uma região, compondo aldeias que possuíam, no passado, segundo Conklin (1994, p. 161), cerca de 20 - 30 pessoas. Um conjunto de aldeias constituía a área de um determinado subgrupo.

[...] os Wari' comentam que suas aldeias eram maiores no tempo dos antigos, mas não grandes demais, pois nunca gostaram de viver em meio à multidão como nós, os brancos. (VILAÇA, 2006, p.70)

Durante a permanência na floresta, esta etnia sobrevivia basicamente de caças e coletas, assim como os seres humanos como um todo faziam em um passado remoto e como algumas populações tradicionais ainda o fazem. Mason (1964, p.14) discorre que a grande maioria das civilizações do mundo se desenvolve numa linha parecida, primeiramente são coletores-caçadores e, posteriormente, adotam o sistema de agricultura, o que permite uma vida mais sedentária, focando assim as energias em outros aspectos culturais.

Os Xavantes, por exemplo, por terem sido um povo seminômade dependiam basicamente da caça e da coleta, apesar de possuírem uma roça, porém a ela não

havia muita dedicação, por passarem apenas poucos meses em suas aldeias. (SILVA, 1983; p.43 e 45)

Os Wari' viviam – desde o tempo que sua memória alcança até a pacificação – na terra firme amazônica, em aldeias situadas, de modo geral, próximo a pequenos igarapés e distante dos grandes rios. Desconheciam a navegação e deslocavam-se exclusivamente por trilhas na floresta. O local das aldeias era escolhido em virtude da roça de milho, o principal cultivo. (VILAÇA, 2006; p.62)

2.1 Primeiros Contatos

Antes de se iniciar os relatos sobre os primeiros contatos entre os Wari' e os não indígenas faz-se necessário ressaltar um apontamento de Vilaça (2006, p.34) dizendo que há algumas documentações sobre os Wari' em um passado distante. Entretanto, estes escritos são escassos e não se sabe sua real veracidade, já que seus autores não tiveram um convívio ou uma longa observação destes indígenas, sendo que os mesmos foram apenas avistados. Estas incertezas não passam a segurança de se tratar, de fato, dos Wari' ou de outros povos indígenas que habitavam a região.

A primeira documentação que se tem que diz respeito aos Wari' foi feita pelo Coronel Ricardo Franco, em meados de 1790 e 1800, que diz ter avistado estes indígenas nas margens do rio Pacaas Novos. (MEIRELES, 1986, p.72; VILAÇA, 1991/1995;)

Até o início do século XX, os Wari' permaneceram isolados, tal fato foi conturbado com o advento da importância econômica da borracha, cuja matéria prima era amplamente encontrada nas regiões onde habitavam os Wari'. O que intensificou a situação ameaçadora e conflituosa foi a escolha do rio Madeira como rota para o escoamento da borracha até o porto de Manaus e, para que esta rota tivesse eficácia, os não indígenas construíram a ferrovia Madeira-Mamoré para ligar a localidade de Santo Antonio do Madeira e Guajará Mirim, cuja trajetória aquática é interrompida por uma cachoeira. (CONKLIN & VILAÇA, 1998)

O surgimento demorado dos não indígenas na região fez com que os pertencentes do povo estudado fugissem para áreas de difícil acesso, como as cabeceiras de rios. (CONKLIN & VILAÇA, 1998)

Conklin apud Vilaça (1992, p.16) ainda descreve que na segunda metade do século XIX, o centro geográfico dos territórios Wari' era o rio Ouro Preto, que se

tornou rota importante aos seringueiros no primeiro “boom” da borracha. Como consequência, os Wari’ se direcionaram a dois rumos: Ao norte, em direção ao rio Laje foram os subgrupos OroWaram, OroMon, OroWaramXijein e OroKao’OroWaji; e ao sul, na região dos rios Negro e Ocaia foram os subgrupos OroNao, OroAt, OroEo e OroJowin. Houve ainda uma nova fissão, na transição do século XIX para o século XX. Parte dos indígenas que morava no rio Ouro Preto atravessou o rio Pacaás Novos e passou a habitar o rio Dois Irmãos.

No ano de inauguração da ferrovia, 1912, houve um abrupto desinteresse pelo látex brasileiro, já que a Malásia passou a cultivá-lo em larga escala, tendo um preço muito mais baixo do que aquele extraído na região. Muitos seringueiros deixaram suas atividades, o que permitiu que os Wari’ voltassem a habitar suas antigas aldeias. (CONKLIN & VILAÇA, 1998)

Entretanto, na década de 1940, com a Segunda Guerra Mundial, a Malásia foi ocupada pelos japoneses, o que impossibilitou a exportação do látex. Conseqüentemente, as atividades extrativistas da região amazônica foram retomadas, iniciando-se assim o chamado segundo “boom” da borracha. (VILAÇA, 1992, p.16)

Com isso, a região de Guajará-Mirim foi amplamente ocupada, o que, segundo Caravita & Arruda (2002), foi intensificado por uma campanha do Governo Federal de ocupação pelos “soldados da borracha”. Os seringalistas, por sua vez, eram os responsáveis por estes trabalhadores, protegendo-os de todos os perigos da floresta, o que transformou os antigos ataques isolados aos Wari’ em grandes massacres, com uso de espingardas e metralhadoras. (CARAVITA & ARRUDA, 2002, p.24; VILAÇA, 1992, p.16-17)

Com o intuito de vingar a morte de seus parentes e proteger suas aldeias, os Wari’ saíam em expedições guerreiras, nas quais matavam com arco e flecha os não indígenas que os ameaçavam. (CARAVITA & ARRUDA, 2002, p.24; VILAÇA, 1992, p.17, 2006, p.30) A população de Guajará-Mirim, principalmente os parentes dos seringueiros e seringalistas, ficava apavorada com a situação. Conseqüentemente, esses não indígenas começaram a pressionar as autoridades competentes com o intuito de se acabar com tal conflito. (VILAÇA, 1992; p.17)

2.2 Expedições Pacíficas

Com tantos conflitos descritos acima e com esta pressão da sociedade de Guajará-Mirim, algumas expedições foram organizadas, para que houvessem contatos pacíficos. Estas expedições foram nominadas como pacificação e este termo é amplamente visto na literatura. Entretanto, tal denominação pode soar de forma pejorativa, pois percebe-se que este termo parece ter o significado de “amansar” os indígenas e, talvez, fosse esta a idéia na época. A pacificação foi uma política indigenista numa situação de contato com vários grupos indígenas; principalmente em regiões que estavam sendo desbravadas.

Por isso, havia disputa pelas terras, que muitas vezes, levavam a assassinatos e genocídios de vários grupos indígenas. No caso de Rondônia, isto era muito intenso, já que este estado foi alvo de muito projetos de desenvolvimento e colonização, o que pressionou os indígenas demasiadamente. Com isso, os Wari’ vingavam a morte de seus parentes provocada pelos não indígenas que ali “desbravaram”, tal conflito mostra que a pacificação se fez necessária para ambos os lados.

As expedições para um contato pacífico ocorreram entre 1956 e 1969. A primeira delas foi realizada por missionários evangélicos da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB), estabelecendo um contato com os OroNao’ da margem esquerda do rio Pacaás Novas, que viviam em aldeias isoladas após a intensificação da presença dos não indígenas na região. (CIMI-RO, 2002, p.50)

Apesar das expedições começarem entre 1956 e 1969, as iniciativas para que houvesse uma relação de paz se iniciaram a partir de 1930, com algumas tentativas de postos de atração de indígenas. O primeiro posto de atração, chamado Doutor Tanajura, foi fundado na foz do rio Outro Preto, no rio Pacaás Novos. Porém, logo foi transferido ao rio Guaporé (VILAÇA, 2006, p.347). Posteriormente ele voltou para as proximidades do rio Pacaás Novos e de Guajará Mirim. Outras tentativas também foram feitas em alguns outros pontos da região nos anos seguintes. E foi através destes postos e presentes deixados para os indígenas (como machado, facão entre outros instrumentos) que os contatos foram sendo estabelecidos.

Atualmente, a etnia Wari’ vive em cinco Terras Indígenas (TI), compondo, ao todo, 20 aldeias. A **Tabela 1** mostra os nomes de cada Terra Indígena, sua área, população, as aldeias que compõem e a Situação Fundiária. As informações quanto as Terras Indígenas, as áreas e a Situação Fundiária foram descritas por CIMI-RO

(2002), Vilaça & Conklin (1998) e Haverroth (2004); Os dados quanto a população foi retirado do CIMI-RO (2002) e as aldeias que compõem cada TI é descrito em Haverroth (2004).

Tabela 1: Terras Indígenas Wari'

Terra Indígena	Área (ha)	População (nº/fonte/ano)	Situação Fundiária	Aldeias
Pacaás Novas	279.906	980/CIMI/2001	Hom. Dec. 257/91 Registrada CRI/DPU	Bom Futuro, Santo André, Graças a Deus, Tanajura, Pitop, Capoeirinha, Carriazal, Cajueiro, Quatorze, Deolinda, Jorge Melo e Sotério
Rio Negro Ocaia	104.064	500/CIMI/2001	Hom. Dec. 86.347/81 Registrada CRI/DPU	Com apenas uma grande aldeia e algumas moradias um pouco afastadas, mas fazendo parte dessa mesma aldeia
Igarapé Laje	107.321	350/CIMI/2001	Hom. Dec. 86.347/81 Registrada CRI/DPU	Lage Novo, Lage Velho, Linha Dez, Limão, Semap e Linha 14
Igarapé Ribeirão	47.863	200/CIMI/2001	Hom. Dec. 86.347/81 Registrada CRI/DPU	Com apenas uma grande aldeia situada no município de Nova Mamoré
Sagarana	18.120	240/CIMI/2001	Hom. Dec. s/n /96 Registrada CRI/DPU	Com apenas uma grande aldeia e algumas moradias um pouco afastadas, mas fazendo parte dessa mesma aldeia

Como a Terra Indígena Sagarana foi o local de estudo, será feita a descrição de sua história, além de ser destacada em laranja no mapa da **Figura 2**, para maior compreensão e visualização do leitor.

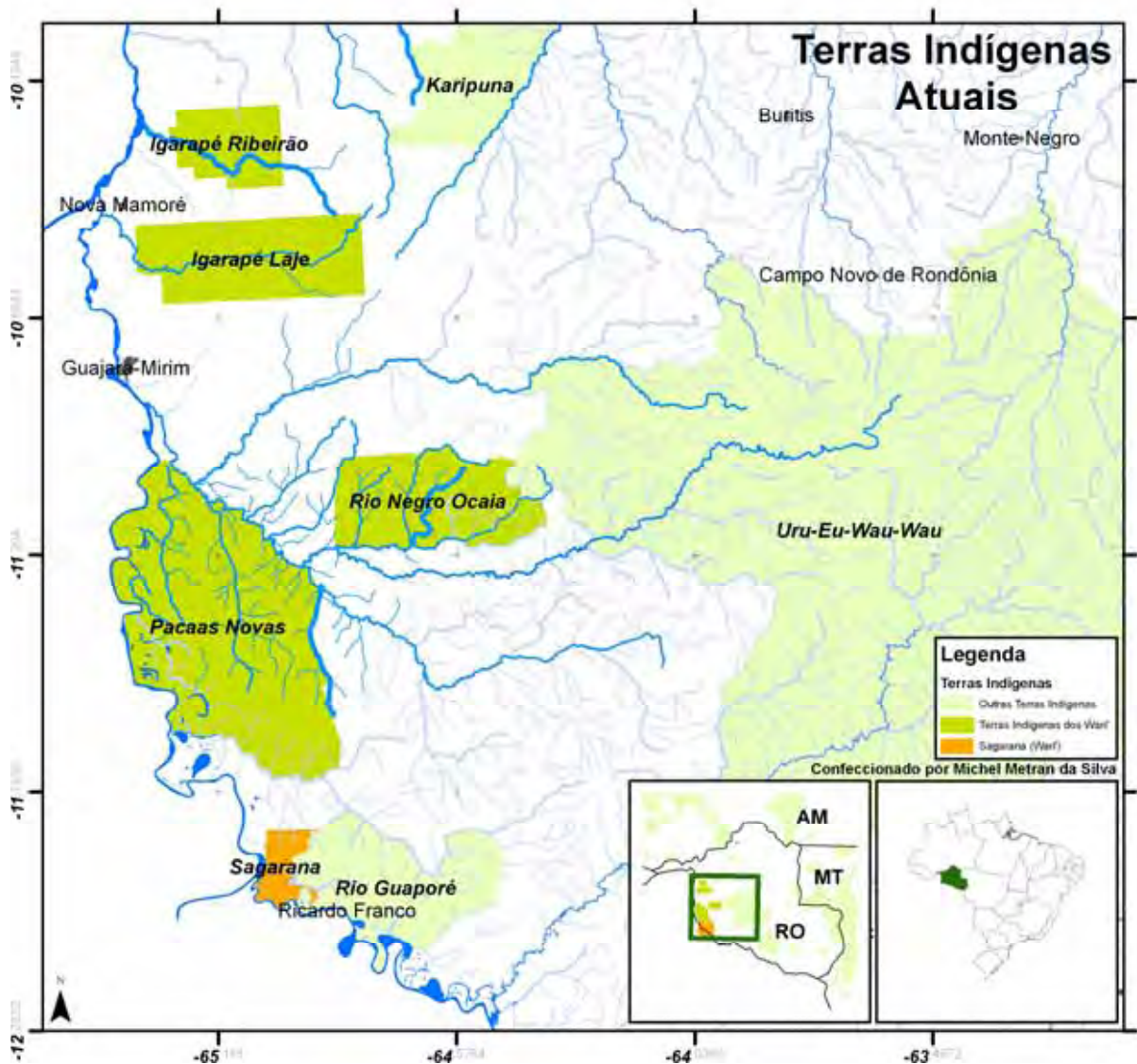


Figura 2: Mapa com as Terras Indígenas Atuais

2.3 Sagarana

Após o estabelecimento dos postos de atração e, por conseqüência a proximidade que os indígenas passaram a ter com os não indígenas, a incidência de doenças e epidemias foi uma constante nos primeiros anos de contato pacífico. Estes indígenas foram afetados principalmente pelas gripes e sarampo, o que diminuiu drasticamente a densidade demográfica do povo Wari'. Segundo o CIMI-RO (2002, p.52), a estimativa da população Wari' antes dos massacres era de 5.000 pessoas, passando para 1.000 e, posteriormente, com estas epidemias, foram para 399 pessoas.

Para ajudar o SPI (Sistema de Proteção do Índio, antiga FUNAI) com estes enfermos, alguns missionários atuaram nestes postos. Vilaça (2006, p.355) diz que

as ajudas feitas pelas MNTB, foram aceitas pelo SPI, em postos de atração principalmente por uma necessidade de assistência material.

Alguns impasses entre os missionários (católicos e protestantes) e o SPI são relatados tanto por Vilaça (2006) quanto pelo CIMI-RO (2002). Um dos impasses que é importante ressaltar, se refere a um episódio que ocorreu entre os missionários católicos da Prelazia e o SPI, quando este órgão proibiu estes missionários de atuarem no posto Ribeirão, onde atendia os Wari' que por ali habitavam (CIMI-RO, 2002).

Entretanto, talvez por uma falta de recurso ou de informação (neste ponto há dados que divergem possivelmente por conflitos políticos), as doenças passaram a matar cada vez mais a população Wari'.

Dom Geraldo Verdier (bispo da Diocese de Guajará-Mirim há 29 anos) relatou em encontro com a pesquisadora, que com o tempo, os indígenas começaram a buscar ajuda com um padre que tinha também formação médica, chamado Ferdinando A. Bendoraitis, em sua casa na cidade de Guajara-Mirim. A procura pelo médico/padre foi muito grande, por parte do povo Wari', que houve um momento em que haviam 42 índios numa área improvisada para a recepção destes. (CIMI-RO, 2002, p.51).

Na mesma época, a Igreja ganhou uma doação de um território por uma organização civil chamada São Judas Tadeu. O mesmo se localizava nas proximidades da vila de Surpresa, um pouco acima da confluência entre o rio Mamoré e Guaporé, na beira deste último rio (VILAÇA, 2006, p.360).

Segundo relato de Dom Geraldo, o padre Bendoraitis e o padre Roberto (que posteriormente virou bispo e sempre atuou junto aos Wari') resolveram alojar provisoriamente os enfermos que se encontravam em Guajará Mirim, neste terreno. Chegando ao local, os indígenas preferiram uma área mais longe daquele grande curso de água, foi aí que escolheram ficar em uma baía chamada de "Baía da Coca", no próprio rio Guaporé, onde, fundou-se no dia 17 de novembro de 1965, a aldeia Sagarana. (CARAVITA & ARRUDA, 2002, p. 31).

Dom Geraldo ainda contou que certa vez, em 1975, a Polícia Federal iria retirar os indígenas de Sagarana, por não se tratar da região de origem da etnia, entretanto o que era provisório virou definitivo, Oron Pawa (um dos indígenas que vivia na aldeia) disse à polícia que não queriam sair daquela terra.

No início da comunidade, era um boliviano que administrava o local. Entretanto, D. Roberto ficou sabendo que esta pessoa maltratava os Wari', portanto a Igreja retirou-o de lá. Então, ele pediu a uma organização jesuíta, chamada OPAN (Operação Anchieta), que administrasse o local. Esta equipe ficou lá por um tempo e depois, por uma sugestão do Dom Geraldo, um casal (João Francisco e Eida) passaram a administrar Sagarana. Eles viveram na aldeia por onze anos e fizeram um trabalho de resgate a língua Wari', pois, naquele momento, os indígenas tinham vergonha de falar na frente dos não indígenas, por uma possível pressão e preconceito.

Posteriormente, um médico chamado Gil (que atua até hoje junto aos indígenas) viveu em Sagarana por seis anos. Em seguida viveram alguns outros casais que não ficavam por muito tempo e logo partiam. Foi então que os indígenas de Sagarana decidiram que não queriam mais não indígenas, de fora da aldeia, para administrar a comunidade. Com isso, há cerca de dez anos, são os próprios indígenas de Sagarana que administram o local. Atualmente, a aldeia leva o título de "Associação Indígena Sagarana" (CARAVITA & ARRUDA, 2002, p. 31).

Sagarana evoluiu muito, cresceu, organizou-se. Hoje, o povoado conta com cerca de 60 famílias. Tem sua administração própria, exercida por um administrador da comunidade, eleito pelo povo (única comunidade indígena nessas condições, na região). Tem sua escola com professores da comunidade. (CARAVITA & ARRUDA, 2002, p.32)

3. Estrutura das Aldeias

As aldeias no passado, como dito anteriormente, possuíam cerca de 20 a 30 pessoas. Entretanto, Vilaça (2006; p.78) aponta uma faixa de habitantes um pouco mais ampla, segundo a autora, uma aldeia oscilava em número de habitantes entre dez e cinquenta.

[...] e, em geral, tinham como núcleo um grupo de germanos, homens ou mulheres, de modo que não se pode falar em viri ou uroxilocalidade. O mais freqüente era que o grupo local fosse constituído por um grupo de irmãos casados com um grupo de irmãs, acrescido de alguns parentes de ambas as partes e seus cônjuges. (VILAÇA, 2006; p.78)

Nelas as casas se dispunham, na maioria das vezes, em uma única linha, a qual seguia o curso de água. Algumas vezes, haviam casas que compunham uma linha perpendicular a primeira, formando um desenho em “L” (VILAÇA, 2006; p.71-72).

Além das casas familiares, havia uma casa de homens solteiros, denominada *kaxa'*. Nela dormiam os rapazes que ainda eram solteiros, além de ser o ponto de encontro dos homens para conversas informais e o local de reclusão dos guerreiros. Uma casa semelhante a esta é também observada nas aldeias do povo Xerente, ela se chama *warã* e tem como função tanto abrigar os rapazes solteiros, quanto ser o ponto de reunião dos homens desta etnia (SILVA & FARIAS, 1992, p.93). No caso dos Wari', a *kaxa'* era também onde os convidados das festas ficavam no momento em que estavam demasiadamente embriagados. (VILAÇA, 2006; p. 70-1).

A arquitetura das casas é descrita por Vilaça (2006, p. 72, 73) como uma casa composta por um telhado de uma água, feito por folhas de palmeiras, com cerca de 10 metros de altura. Embaixo dele, um metro acima do solo, havia um tipo de estrado com 1,5 metros de largura e 12 metros de comprimento que acompanhava toda a extensão do telhado (vide **Figura 3** Erro! Fonte de referência não encontrada.). Ele era composto por dois troncos de uma palmeira chamada paxiúba. Cada tronco tinha 12 metros de comprimento e eram dispostos paralelamente há 1,5 metros. O tronco que ficava mais próximo do telhado era usado como travesseiro, o outro tronco era onde os indígenas apoiavam a parte interna dos joelhos, deixando suas pernas penduras, ou apenas dormiam de lado, com as pernas encolhidas (vide **Figura 34**). Nas casas familiares, este estrado era completamente forrado por esteiras feitas pelas mulheres, já na *kaxa'* os homens dormiam diretamente da madeira.

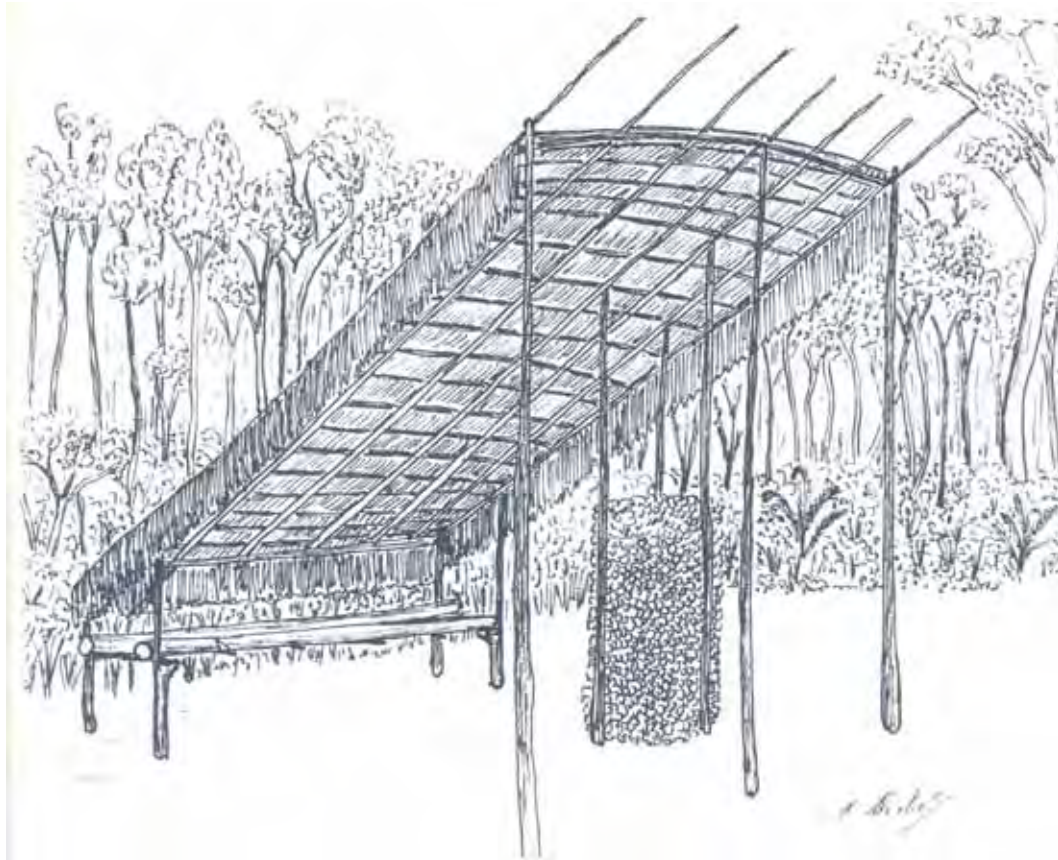


Figura 3: Casa tradicional Wari'. (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

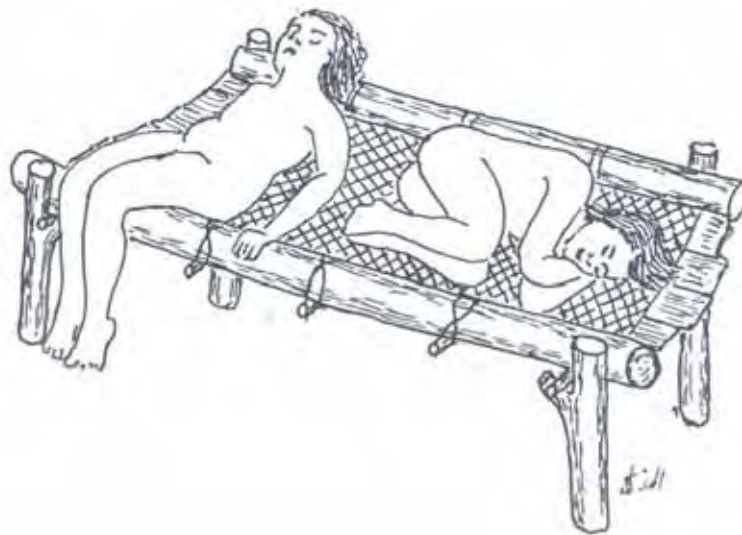


Figura 4: Cama tradicional dos Wari' (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

Atualmente as casas da aldeia se assemelham as casas dos moradores regionais. As paredes das mesmas são compostas por madeira, já o telhado varia; algumas pessoas utilizam folhas de palmeiras (**Figura 5** e **Figura 6**), outras de telhas de amianto. Há ainda aquelas casas construídas com tijolos e com telhas de amianto ou de barro, mas são pouquíssimos os casos.



Figura 5: Campo de futebol com casas ao fundo, Sagarana, 2009 (Foto: Luiza Teixeira Bussius)



Figura 6: Foto de uma casa Wari' atual, Sagarana, 2009 (Foto: Elise Mazon Albejante)

4. O corpo Wari'

Para entendermos melhor qual é o olhar dos wari' sobre o corpo humano, precisamos antes entender o que eles consideram por humanidade. Para eles, alguns animais possuem espírito e é esta a característica que determina a humanidade de um ser vivo o que, portanto, faz com que eles considerem alguns animais irracionais como humanos.

Segundo Vilaça (1998), os Wari' consideram que apenas alguns seres vivos possuem *jam*³, como certos mamíferos, dentre eles os próprios Wari', os inimigos, as onças, os queixadas, além de todos os peixes, algumas aves, as abelhas, as cobras e alguns poucos vegetais.

Assim, os animais dotados de espírito são tidos como humanos. Têm um corpo humano, que pode ser visto pelos xamãs, vivem em casas, bebem chicha de milho e comem alimentos assados e cozidos. Desse modo, enquanto o corpo (*kwere*-) é o lugar da diferença - é o que diferencia as espécies e os indivíduos - o espírito é o lugar da semelhança. Todos os seres dotados de humanidade têm, digamos assim, uma mesma cultura, que é a cultura dos Wari'. (VILAÇA, 1998)

Assim, é possível perceber que os Wari' enxergam o corpo com um olhar mais profundo do que aquele de costume na cultura não indígena. O corpo não é pura e simplesmente a forma física e materializada do wari', mas é também a personalidade que está por trás desta concepção social e cultural dos ditos "civilizados" (NOVAES, 1996, p. 63).

Para eles o corpo (*kwere* - sempre seguido de sufixo indicador de posse) é o lugar da personalidade, é o que define a pessoa, animal, planta ou coisa. Tudo o que existe tem um corpo, que é o que lhe dá características próprias. Os Wari' costumam dizer: "*Je kwere*" ("meu corpo é assim"), que significa: "esse é meu jeito", "eu sou assim mesmo" [...] o que se entende aqui por corpo não é o mesmo que nós entendemos. Não se trata de um substrato físico cuja constituição é determinada parte geneticamente, parte pelo ambiente. O corpo contém afeto, memória, que não podem ser traduzidos imediatamente em termos de 'composição química' ou 'processo fisiológico'. (VILAÇA, 1998)

³ *jam*: pode ser traduzido, de forma simplista, como equivalente ao que a sociedade não indígena considera como alma. Há também outros detalhes e definições, se o leitor quiser se aprofundar, vide Vilaça, 1992.

Em outras culturas também pode-se observar uma diferente relação com o corpo. Mary Douglas apud Vidal (1992, p.143) aponta que há uma relação muito forte na forma em que se trata o corpo e a estrutura social de uma cultura. Vidal (1992, p.147) também comenta que as pinturas corporais possuem íntima ligação com a categoria à qual o indivíduo pertence, ou seja, se é homem casado ou homem solteiro, se está em resguardo após o nascimento de um filho, se está em fim de luto.

Neste mesmo sentido, Andrade (1992, p.126) discorre que entre os Asurini há a pintura corporal específica para as pessoas enlutadas, que guardam resguardo por sua perda. Assim também se observa com relação à cultura Wari', quando os mesmos estão de luto, raspam seus cabelos. Havia ainda a diferenciação de gênero na vida cotidiana, de forma que as mulheres usavam cabelos curtos e os homens o cabelo comprido, que será tratado na discussão dos resultados (item 3).

Pode-se observar aqui as formas de se expressar culturalmente através do corpo, os diferentes momentos ou as diferentes funções que determinada pessoa está passando.

Para eles, não é possível enxergar o corpo wari' na forma como os não indígenas vêem. A única maneira de enxergar o corpo wari' é depois de sua morte, tanto na forma de cadáver quanto no corpo da queixada, já que é para o corpo deste animal que o espírito vai depois que o Wari' morre. É por isso que o funeral e todo o ritual que o envolve era tão importante na cultura deles.

A morte é, para os humanos, uma necessidade lógica, porque só morrendo são capazes de produzir um corpo. E não me refiro somente ao corpo definitiva e completamente animal que terão depois de mortos (queixadas), mas também ao cadáver que, inerte, inchado e podre, não é mais um simples e genérico corpo humano; o cadáver é um corpo de Wari'. [...]

Se, ao contemplarem o cadáver, os Wari' podem finalmente ver o seu próprio corpo, como se diante de um espelho, usufruindo de um privilégio antes exclusivo aos xamãs, o que estão percebendo antes de tudo é o corpo da sua espécie, o corpo de Wari', como já disse. Mas trata-se de uma questão de escala: o importante é essa propriedade do cadáver, que é um corpo, de tornar visível uma singularidade, seja do indivíduo, seja da espécie. A morte é certamente um momento privilegiado de resolução da assimetria de perspectivas que apontei acima. Mas só para alguns. Os parentes próximos do morto continuam a ver no cadáver o ente querido. Será preciso que os não-parentes comam o cadáver para que os primeiros possam finalmente enxergá-lo. (VILAÇA, 1998)

OBJETIVOS

A finalidade deste trabalho é estudar as construções e desconstruções na cultura do povo Wari' quando os mesmo entraram em contato com outras cultura. Para assim observar se houve influência nos diferentes olhares de homens e mulheres indígenas tanto para com o seu próprio corpo e para com os corpos dos seus próximos do mesmo sexo, quanto para com os seus próximos do sexo oposto, quando da chegada da cultura não indígena. Além de observar se o papel dos gêneros feminino e masculino desta comunidade indígena foi transformado de alguma maneira por influência deste contato.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, a pesquisadora contou com três abordagens metodológicas: A observação participante, a entrevista semi-estruturada e a revisão bibliográfica, tendo como foco a abordagem etnográfica.

Dito de outra maneira, o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas. Se é verdade que técnica e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada, quando desafia os conceitos estabelecidos pelo confronto que se dá entre i) a teoria e o senso comum que o pesquisador leva para o campo e ii) a observação entre os nativos que estuda. (PEIRANO, 1992, p.8)

Primeiramente, a pesquisadora buscou em diferentes fontes e referenciais bibliográficos, materiais que discorrem sobre a cultura Wari', para assim tentar entender a lógica deste povo.

Entretanto, sabe-se que só se conhece algumas concepções através da prática. "Uma coisa é a realidade teoricamente estruturada e sistematizada, outra é a realidade como se dá efetivamente no mundo real" (DEMO, 1987, p.106). Portanto, a convivência com a comunidade estudada tornou-se uma condição de suma importância, para a realização da pesquisa. Com a ida a aldeia, a pesquisadora conseguiu compreender a lógica cultural do povo Wari', e entender verdadeiramente os significados das falas e da concepção que eles têm sobre os diferentes pontos abordados sobre, o gênero, corpo e sexualidade.

Tal metodologia é confirmada por Brandão (1987, p.12), que diz: "Porque, também, o primeiro fio de lógica do pesquisador deve ser não o seu, o de sua ciência, mas o da própria cultura que investiga, tal como a expressam os próprios sujeitos que a vivem."

A pesquisadora passou dois meses na aldeia convivendo, construindo e estreitando laços, ajudando em mutirões, passeando com os indígenas, participando de diferentes atividades, para assim construir uma confiança mútua.

Para Thiollent (1987, p.82) “Trata-se de estabelecer uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados de modo a reduzir a estranheza recíproca.”. Sabendo disso, a pesquisadora acredita ser fundamental este laço, tanto para não ser invasiva com a comunidade estudada, quanto para compreender e obter as informações mais reais possíveis.

[...] só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura, quando através de um envolvimento – em alguns casos um comprometimento – pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele, que ele investiga. Outra: não é propriamente um método objetivo de trabalho científico que determina *a priori* a qualidade da relação entre os pólos da pesquisa, mas, ao contrário, com freqüência é a intenção premeditada, ou a evidência realizada de uma relação pessoal e/ou política estabelecida, ou a estabelecer, que sugere a escolha dos modos concretos de realização do trabalho de pensar a pesquisa. Uma última: em boa medida, a lógica, a técnica e a estratégia de uma pesquisa de campo dependem tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como o pesquisador se coloca *na* pesquisa e *através* dela e, a partir daí, constitui simbolicamente o *outro* que investiga. (BRANDÃO, 1987, p.8, grifo do autor)

Durante estes dois meses, a principal abordagem metodológica utilizada, além da pesquisa na literatura, foi a observação participante que, segundo VIERTLER (2002):

[...] o pesquisador se entrega à rotina e à participação nas várias atividades de interesse dos pesquisados. Os nós de incompreensão percebidos pelo pesquisador pouco a pouco vão se dissolvendo por um complexo processo de “aprender fazendo”, permitindo-lhe compreender com mais profundidade sentidos até então não detectados de referenciais culturais dos seus observados.

Além desta abordagem, foram obtidas algumas fotos e vídeos, com autorização da população local, para que fossem analisados durante a construção do trabalho, recolhendo o máximo de informações, no que tange ao papel do homem e da mulher na comunidade estudada. Procurou-se relacionar tais materiais com atitudes descritas do passado e do presente, observando assim as mudanças provenientes do contato.

Para a realização deste trabalho, também foi preciso um consentimento da comunidade. Por isso, o projeto de pesquisa foi passado para o conselho da aldeia que, após analisar tanto o projeto quanto a postura da pesquisadora, aprovou a

realização do mesmo, concedendo uma autorização para permanência e pesquisa (Anexo 2).

Desta forma, não há como ensinar a fazer pesquisa de campo como se ensina, em outras ciências sociais, métodos estatísticos, técnicas de surveys, aplicação de questionários. Na antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados. (PEIRANO, 1992, p.9)

Ressalta-se ainda que houveram alguns encontros com os jovens, com o intuito de se refletir a sexualidade em seus diferentes aspectos. Estes encontros aconteceram na escola de Sagarana e contribuiu positivamente, tanto para uma aproximação entre a pesquisadora e os jovens da comunidade, como para a compreensão da lógica cultural desta aldeia.

Após estes dois meses, foi acordado entre a pesquisadora e as lideranças locais, a utilização de entrevistas para a realização da pesquisa. O tipo de entrevista adotado foi a entrevista parcialmente estruturada, na qual houve um eixo a ser seguido, sem ser inflexível (Apêndice 1). Pois assim, teve a possibilidade de redefinir alguns tópicos conforme o desenrolar da mesma, tendo em vista canalizar o discurso do entrevistado para as perguntas a serem respondidas, como constata VIERTLER (2002).

Periano (1992, p.5) evidencia a importância de não se querer respostas através de perguntas imediatas em um estudo etnográfico, pois senão, pode acabar impondo seu ponto de vista e restringindo o conhecimento passado através da fala do nativo.

A idéia inicial era entrevistar casais das faixas etárias jovens (até vinte anos), adultos (de vinte a quarenta anos) e idosos (de quarenta e cinco a cinquenta). Entretanto, no acordo anteriormente citado, combinou-se que seriam as próprias lideranças que escolheriam as pessoas a serem entrevistadas. “[...] não há história real precisamente sem limitações, sem traições e sem deturpações” (DEMO, 1987, p.108)

Com isso, foram escolhidos seis jovens (três mulheres e três homens) e um casal heterossexual adulto. Com os resultados obtidos e analisados, a pesquisadora

separou-os em quatro categorias: “Olhar Feminino Jovem”, “Olhar Feminino Adulto”, “Olhar Masculino Jovem” e “Olhar Masculino Adulto”.

Após a análise e discussão, a pesquisadora fez um segundo campo, para mostrar os resultados da pesquisa e para uma revisão destes dados.

Desta segunda vez ficou um mês, fez algumas reuniões e encontros. Entretanto, em uma destas análises, a revisão contou com uma amostragem que englobava pessoas de todas as categorias anteriormente estabelecidas, além de dois homens idosos e uma mulher também idosa.

Não esgotamos a realidade, nem temos toda a verdade na mão; somos apenas pesquisadores, ou seja, gente que duvida, que erra, que deturpa, mas que, sabendo disso, *quer reduzir o desacerto*. (DEMO, 1987, p.111 – grifo nosso)

Esta revisão fez com que as categorias se misturassem e enriqueceu demasiadamente o resultado da pesquisa. Com isto, a pesquisadora decidiu colher todas estas informações enriquecendo a abordagem etnográfica⁴ sobre o grupo estudado, categorizando os mesmos entre o passado (antes do contato) e o presente (após o contato), para assim evidenciar a transformação cultural.

Em nossos dias, a etnologia chega a uma avaliação cada vez mais precisa e matizada dos diferentes estados que conhece, ou conheceu, a humanidade fragmentada e particularizada. O número de sociedades estudadas é crescente. A quantidade e a riqueza das observações permitem ao etnólogo consolidar seu lugar entre os estudiosos. (Laburthe-Tolra & Warnier, 1997, p.40)

⁴ Segundo Laburthe-Tolra & Warnier (1997, p.39), “[...] os etnólogos dedicam muito tempo e energia à descrição e análise das sociedades outras [...] Estabelecem comparações entre várias sociedades [...] É isto que queremos dizer ao afirmar que a etnologia é *comparativa*.” (grifo do autor)

ANÁLISES E RESULTADOS

Os resultados foram divididos em temas a fim de organizar a lógica que estrutura esta cultura, entretanto esses diferentes temas são interconectados e, portanto, podem aparecer mais de uma vez ao longo da discussão.

Os dados aqui apresentados foram colhidos ao longo da pesquisa e comparados com a literatura, tanto aquelas que dizem respeito à cultura Wari' quanto àquelas que dizem respeito a outras culturas. Outra comparação feita foi com relação a sua temporalidade, ou seja, os mesmos foram categorizados entre passado e presente, para observar assim, a transformação que esta cultura vem sofrendo ao longo destes anos de contato.

1. Atividades Femininas

Como será possível observar, as atividades na comunidade estudada são baseadas nos gêneros feminino e masculino.

Na maioria das culturas indígenas esta divisão sexual de trabalho é evidente. A exemplo disso, Silva & Farias (1992, p.92) discorrem brevemente que no povo Xerente há também a divisão sexual do trabalho na esfera doméstica. Clastres (2003, p.120) aponta que entre os indígenas Guayaki há a divisão sexual do trabalho fortemente marcada, formando campos opostos e complementares.

Esta oposição e complementaridade, observada por Clastres, também será notada nos Wari' em suas divisões de tarefas e papéis sociais que cada gênero tem a incumbência. Neste primeiro tópico, será relatado sobre as atividades que cabem ao gênero feminino e, no item seqüente, serão tratadas as atividades que cabem ao gênero masculino.

Há diversos afazeres femininos na cultura Wari'. Para melhor compreensão do leitor, a pesquisadora elaborou uma tabela evidenciando as atividades citadas durante a pesquisa, classificando-as como pertencentes ao passado e/ou presente. A discussão destas atividades acontecerá ao longo deste item.

Tabela 2: Atividades femininas no passado e no presente

ATIVIDADES FEMININAS	
PASSADO	PRESENTE
Arrumar a Casa	Arrumar a Casa
Cozinhar (COLOCAR OS PRINCIPAIS)	Cozinhar (COLOCAR OS PRINCIPAIS)
Cuidar dos Filhos	Cuidar dos Filhos
Carregar Panero	Carregar Panero
	Ajudar na Derrubada da Capoeira
Retirar Ervas Daninhas	Retirar ervas daninhas
	Plantar
Plantar	Colher
	Pescar por Arrastão
Colher	Pescar retirando o peixe do tronco oco com a mão
	Pescar com Linhada
Pescar retirando o peixe do tronco oco com a mão	Pescar com Caniço
	Fazer compras no Mercado
Pescar por Arrastão	Lavar Roupa

1.1 Passado

Desde o passado, cabia ao gênero feminino arrumar a casa, cozinhar, fazer artesanatos (que será detalhado em um item específico para este assunto), cuidar dos filhos e, eventualmente, cuidar de outras crianças. Além de prover o alimento cozido rotineiramente para sua família, o gênero feminino cozinhava, e ainda cozinha, quando há mutirões, sejam eles feminino, masculino, ou quando ambos os gêneros participam deste trabalho coletivo.

Estes diversos afazeres domésticos pertencentes ao gênero feminino também pode ser observado entre o povo Tchambuli, no qual grupos de mulheres permanecem em suas casas cozinhando, trançando e remendando seus equipamentos de pesca (MEAD, 1988, p.233). Lá, quando há alguma festividade, “Cinqüenta ou sessenta mulheres se reúnem numa casa, aglomerando-se em grupos de cozinheiras ao redor das panelas no fogão [...] onde assam bolos e cozinham [...] panquecas de sagu, que acompanham toda a festa.” (MEAD, 1988, p.234)

No caso dos Wari’, há dois itens fundamentais para alimentação, que eram preparados pelas mulheres. Estes eram a chicha de milho e a pamonha, sendo os principais complementos alimentares das caças. Tal fato evidencia que a base alimentar desta etnia era o milho (vide **Figura 7**).

Nota-se que, ao contrário dos Wari', a maioria dos grupos indígenas brasileiros possui a mandioca como base alimentar. Entretanto, a etnia estudada neste trabalho não compõe o único grupo indígena que baseia sua alimentação no milho. Vários povos indígenas dos Andes já se alimentavam desta semente. Mason (1964, p.29), em um livro sobre as civilizações peruanas, aponta que muitas culturas americanas adotaram o milho como base alimentar.



Figura 7: Na esquerda, mulher cuidando de uma criança e "pisando" o milho para fazer chicha. À direita, mulher carregando uma criança com uma fita de algodão. (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

Talvez a influência desta comida venha pela posição geográfica onde se encontram os Wari', a oeste do Brasil, mais próximo aos Andes que a maioria das regiões brasileiras. No entanto, não se pode concluir a partir daí que esta etnia tem sua origem andina, mesmo porque ela pertence a uma família isolada, aos Txapakura. Os estudos relativos à mesma dizem apenas que esta família vivia nas proximidades do Guaporé e Mamoré e nenhum estudo comprova algo além disso:

Muito remotamente – mas não antes do século XVII – alguns grupos *txapakura* atravessaram o Mamoré e se fixaram em alguns de seus afluentes da margem direita, onde estão, até hoje, os *Pakaas-novos* [Wari'], a única sociedade *txapakura* em território brasileiro. [...] O

Guaporé agrupou secularmente os povos *txapakura*, não tendo sido observada a sua presença em nenhuma outra região. (MEIRELES, 1989, p.46)

Outro espaço onde as atividades femininas eram realizadas é a roça. Lá, elas carregavam panero⁵, ajudavam na derrubada, plantavam e colhiam. A importância de ser a mulher a responsável por carregar o panero fica evidente quando se sabe que ao gênero masculino cabe a proteção de sua família e da comunidade como um todo. Com isso, os homens que também participaram do mutirão da roça, precisavam ter a mobilidade necessária para se utilizar do arco e flecha, caso aparecesse algum perigo (como etnias rivais ou animais perigosos).

Além da proteção, existia a possibilidade deles acharem alguma caça no caminho entre a roça e a aldeia, com isso poderiam aproveitar o momento para obter outras fontes de alimentos (para maiores detalhes, vide **Figura 8**).

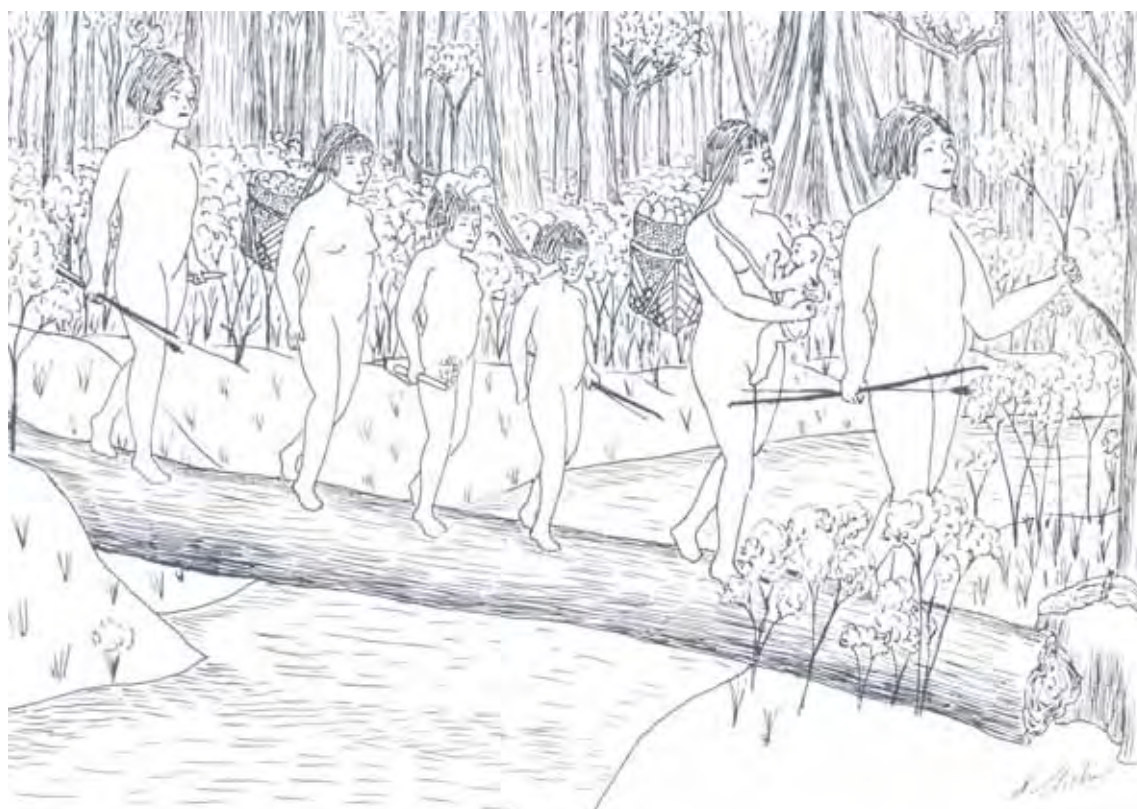


Figura 8: Provavelmente grupo voltando de sua roça (*xitot*) (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

⁵ Panero: cesto com uma alça presente em várias culturas indígenas, há vários modelos, dependendo da cultura. Para visualização do panero, vide Apêndice 2, Figura 16 – C.

Dentro das atividades femininas ainda cabe ressaltar duas formas de pescaria. Uma era, e ainda é, chamada de pesca por "arrastão". Esta forma peculiar de pesca se resume em um mutirão no qual as mulheres empurravam capim pra represarem um determinado igarapé. Após este represamento, elas retiravam água da parte que não foi represada, onde a água deixa de ter seu fluxo por conta da barreira. Com isso, podiam ver o peixe e pegá-lo com as mãos.

A segunda forma de se pegar os peixes era colocando suas mãos dentro de troncos de árvores ocos, proveniente das fortes correntezas do chamado inverno amazônico, e pegavam o peixe que ali permanecia.

1.2 Presente

Atualmente, o gênero feminino continua cuidando dos afazeres domésticos, entretanto, alguns itens foram incorporados desde o contato mais prolongado e intenso com os não indígenas.

Além de arrumar a casa, cozinhar e cuidar dos filhos, as mulheres ainda lavam roupas e compram alguns itens alimentares no supermercado da cidade. Este último fato mostra que com o contato, houve a mudança alimentar dos Wari' desta comunidade.

No passado, esta etnia se alimentava basicamente de caças, peixes, gongo⁶, frutos das coletas feitas na mata e de milho, tanto nas formas de farinha e pamonha quanto na chicha. Atualmente, com a influência de outros povos (diferentes etnias indígenas, quilombolas, bolivianos, nordestinos, portugueses, espanhóis, paranaenses entre outros povos que migraram para a região), a pamonha, a farinha e a chicha de milho continuam sendo feitas, entretanto foi possível constatar que a pamonha vem sendo substituída por arroz ou macarrão e a farinha de mandioca substituiu a farinha de milho.

Ou seja, a base alimentar dos Wari' se transformou. Hoje, o milho ainda é utilizado na alimentação, com estas diferentes finalidades citadas acima, entretanto muitas famílias plantam mandioca e fazem farinha com a mesma e seu excedente é vendido na cidade.

⁶ Gongo: larva encontrada nos troncos de palmeiras em decomposição.

Este último caso foi constatado, certa vez, em um relato pessoal com a justificativa de que a população não indígena da região tem o hábito de comer farinha de mandioca e, por conta de uma maior comercialização, muitos dos Wari' passaram a plantar e fazer farinha desta raiz ao invés de fazer sua farinha tradicional.

Já chicha de milho, apesar de citada pelos entrevistados como sendo um item alimentar do passado, ainda é muito consumida hoje e faz parte da rotina e base da alimentação dos Wari'. Apesar disso, observa-se também a chicha de mandioca também é presente na comunidade, porém com um consumo muito menor do que a chicha tradicional desta cultura.

Além da produção de mandioca, proveniente do contato com os não indígenas, os Wari' passaram a plantar arroz, sendo sua finalidade o consumo próprio. O sal, o óleo, o macarrão, o café e o açúcar também foram apontados como alimentos que passaram a ser consumidos após o contato e que, no entanto, não são produzidos em Sagarana (ou por causa do clima, ou por ser industrializado). Os mesmos são, atualmente, comprados em supermercados da cidade.

Nota-se que o aspecto mais evidente é a mudança na alimentação e sua influência proveniente do contato. A necessidade de temperar os alimentos com sal, o gosto pelo doce do açúcar, o complemento alimentar do macarrão mostram e evidenciam hábitos que foram transformados com estes contatos e convivência entre as diferentes culturas.

Da mesma forma que a cultura brasileira, como um todo, possui vários hábitos culturais herdados dos indígenas, como o consumo da mandioca e seus diferentes modos de preparo, o hábito de tomar banho todos os dias, o uso da rede, dentre tantos outros também são retirados da cultura indígena.

Na roça, o gênero feminino atua na limpeza e manutenção da mesma com o uso de enxada e terçado⁷. Também ajudam a retirar os galhos quando vão reutilizar as áreas de coivara⁸.

⁷ Terçado: Nome dado ao facão na região Norte

⁸ Coivara: Sistema de agricultura utilizada há muitos anos pelos indígenas que consiste em esperar um tempo o solo da região, onde era localizada a roça, se fortalecer. Após este tempo há a queimada da matéria orgânica que cresceu no local (vegetação regenerante) e posterior plantação, reutilizando a área de roça.

Fora o machado de pedra, substituído pelo de ferro, a técnica ainda é a mesma até hoje, ente os povos indígenas. No final da estação seca, eles derrubavam a vegetação mais rala ou arbustiva de uma faixa de floresta. Após secagem natural, um pouco antes das chuvas, ateava-se fogo. Esse poderoso aliado das caçadas nos cerrados tornou-se um eficiente instrumento da agricultura na floresta. As cinzas fertilizavam os solos.

Essa técnica, conhecida até hoje como coivara, permitia alguns ciclos de culturas anuais (milho, amendoim, abóboras, taiobas, carás, cabaças...) e o ciclo de plurianuais, como a mandioca e a batata-doce. Tudo dependia da fertilidade dos solos. Nenhum instrumento agrícola, em particular, era requerido e o trabalho era todo manual, denotando sua relativa produtividade naquele contexto. (MIRANDA, 2004, p.8)

A pescaria também foi incrementada com as novas tecnologias advindas do contato. Apesar dos Wari' continuarem fazendo suas pescarias tradicionais, a utilização do caniço⁹ e linhada¹⁰ tornaram-se usuais e auxiliam na captura de peixes. Isto ocorre pelo mesmo fato das outras adoções de novas tecnologias, já que as mesmas são mais uma forma eficiente de se pegar o peixe. Além disso, a pescaria tradicional por “arrastão” demanda a participação de várias pessoas, já o caniço e a linhada podem ser usados de forma mais independente.

2. Atividade Masculina

Com esta divisão tão acentuada de tarefas e papéis, observa-se também que os espaços relativos a cada gênero seguem a linha de oposição e complementaridade anteriormente citada. Como foi observado, as atividades do gênero feminino são, em sua maioria, encontradas no espaço doméstico, dentro da aldeia. Já as atividades masculinas, como será possível observar a seguir, envolve quase que exclusivamente o espaço da floresta, da mata. Porém, cabe ressaltar que há espaços comuns entre ambos os gêneros. Por exemplo, na roça há tanto atividades femininas quanto masculinas, o mesmo é observado nos igarapés.

Para melhor compreensão, a pesquisadora confeccionou uma tabela contendo as atividades relativas ao gênero masculino, evidenciando aquelas que eram realizadas no passado, no presente ou em ambas as épocas.

⁹ Caniço: Nome dado na região para vara de pesca.

¹⁰ Linhada: Instrumento para pescaria composto por um novelo de linha de pesca e anzol na ponta.

Tabela 3: Atividades Masculinas realizadas no passado e no presente

ATIVIDADES MASCULINAS	
PASSADO	PRESENTE
Caçar com Arco e Flecha	Caçar com Espingarda
	Pescar com Arco e Flecha
Pescar com Arco e Flecha	Pescar retirando o peixe do tronco oco com a mão
	Pescar com Linhada
Pescar retirando o peixe do tronco oco com a mão	Pescar com Caniço
	Pescar com Malhadeira
Ajudar a represar o Igarapé na pesca por Arrastão	Ajudar a represar o Igarapé na pesca por Arrastão
	Derrubar a mata com terçado
Derrubar a mata com machado de pedra	Derrubar a mata com Foice
	Derrubar a mata com machado de ferro
Derrubar a mata com terçado	Plantar
	Colher
Construção de casa de rabo de jacu	Carregar Panero
	Construção de casa de rabo de jacu

2.1 Passado

Ao gênero masculino cabia caçar e pescar e, como conseqüência, alimentar com as proteínas animais a família que lhe é responsável; seja esta sua família de origem (ajudar o pai a alimentar sua mãe e irmãs), seja esta, sua esposa e filhos. Dependendo da quantidade de carne advinda destas atividades, havia e ainda há a divisão do alimento com seus parentes; como um caso que foi observado durante o período vivido pela pesquisadora em Sagarana. Neste período, caçaram uma anta, que gerou alimento para toda a aldeia.

Tanto a caça quanto a pesca eram feitas com arco e flecha (Apêndice 2, **Figura 16 F**), sendo que muitas vezes eles pernoitavam na mata e, por isso, construíam casas temporárias, descritas pelos Wari' de Sagarana como casa de rabo de Jacu. Além disso, eles ajudavam as mulheres no represamento do igarapé e também pegavam os peixes nos troncos ocos das árvores caídas nestes cursos de água, métodos de pescarias descritos e discutidos no item anterior.

Entre os Guayaki também se observa uma procura rotineira de fontes de alimentos, entretanto, no caso deste povo, a agricultura era ausente, o que fazia recair aos homens esta função quase que exclusiva de prover os alimentos, apesar das mulheres coletarem frutos, mel e larvas. (CLASTRES, 2003, p.121 e 125-6)

Diferentemente dos Guayaki, os Wari' tinham na agricultura outra fonte de alimentação. Neste espaço, o papel masculino era mais direcionado para a

derrubada da mata, abrir o roçado. Também agiam assim nas proximidades das casas, para que não houvesse o perigo de animais ferozes/peçonhentos se aproximarem e pegarem as pessoas que ali habitavam.

A derrubada da mata para abrir a roça, consistia na retirada de grandes galhos com machados de pedra e, posteriormente, colocavam fogo na região onde iriam plantar os alimentos. Todavia, este instrumento foi trocado por terçados e machados de ferro, anteriormente ao contato pacífico. As aquisições destes novos objetos aconteciam, na maioria das vezes, antes mesmo da tentativa de um contato pacífico, dado pelos não indígenas; porém, às vezes, os Wari' conseguiam estes instrumentos, quando encontravam e pegavam na mata ou nos acampamentos dos *waijam*.

2.2 Presente

Além da substituição dos machados de pedra por terçado e machado de ferro, o arco e flecha das caçadas também foram trocados por armas de fogo. Estas trocas foram, evidentemente, influenciadas pelo contato. Entretanto, por elas terem maior eficiência, foram rapidamente efetivadas, o que não significa que esta comunidade mudou os valores que embasam a cultura.

Ou seja, com o advento destes eficientes materiais, os indígenas desta comunidade poderiam obter mais alimentos em menos tempo, entretanto não passaram a se importar com o acúmulo de bens, sendo assim, não passaram a ter uma visão capitalista. Ao contrário, eles continuaram obtendo o necessário para a sua alimentação e a de seus parentes.

Isso significa que as sociedades primitivas dispõem, se assim o desejarem, de todo o tempo necessário para aumentar a produção dos bens materiais. O bom senso questiona: por que razão os homens dessas sociedades queriam trabalhar e produzir mais, quando três ou quatro horas diárias de atividade são suficientes para garantir as necessidades do grupo? De que lhes serviria isso? Qual seria a utilidade dos excedentes assim acumulados? Qual seria o destino desses excedentes? É sempre pela força que os homens trabalham além das necessidades. (CLASTRES, 2003, p. 213)

Além disso, nota-se uma vantagem em não haver uma exploração e produção intensiva nessas sociedades. Uma vez que fossem intensificados, o meio ambiente

talvez não responderia, assim como não responde à sociedade capitalista, com a velocidade aumentada para uma produção visando o acúmulo. Lembrando que os principais “bens de consumo” das sociedades indígenas são a própria natureza, portanto a harmonia entre ela e estes grupos humanos é fundamental para a perpetuação destas pessoas.

A troca do arco e a flecha pela arma de fogo na caçada também permitiu uma velocidade maior na captura de animais, já que as chances de um tiro matar a presa é maior do que a flecha conseguir tal morte. Por mais que esses indígenas tenham excelente pontaria, poderiam apenas machucar estes animais, não os matando definitivamente. Além disso, o volume de material para se levar ao mato quando se utilizava o arco e a flecha era muito maior do que levar uma arma com suas munições.

Porém, ainda pernoitam na mata, já que muitos animais possuem hábitos noturnos, portanto a construção da casa de rabo de jacu continua sendo um hábito dos Wari' de Sagarana. Outro aspecto/tecnologia preservado entre estes indígenas é o uso de arco e flecha nas pescarias (**Figura 9**), entretanto eles incrementaram a flecha colocando uma ponta de metal.



Figura 9: Homem pescando com arco e flecha (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

Ainda na pescaria, passaram a utilizar outras ferramentas como linhada, caniço e malhadeira. Este último item é utilizado apenas por alguns com o fim de alimentar seus parentes, sem que haja, portanto, um problema de comercialização destes recursos.

Atualmente, além do terçado, eles utilizam foice e machado de metal na roça. Com isso, podem abrir uma área mais rapidamente para a plantação de seus alimentos (fato já discutido na categoria passado). Além disso, os homens também plantam e colhem com a mesma frequência que as mulheres. Ou seja, as mulheres e os homens participam juntamente da plantação e da colheita de suas roças, as quais são geralmente familiares; portanto, cada roça pertence a um clã familiar que ali colocou seus esforços e trabalho.

3. Artesanato

Tanto no passado quanto no presente, homens e mulheres faziam e fazem artesanatos, entretanto alguns deles são produzidos exclusivamente por um dos sexos. Clastres (2003, p.123), relaciona a manufatura de determinado objeto com a atividade na qual o mesmo será empregado; ou seja, o homem faz os artesanatos que serão necessários a ele, à atividade dele; já a mulher irá fazer os artesanatos relativos às atividades dela.

Um fato curioso é que a diversidade de artesanatos citados sendo produzidos pelos homens, no passado, é maior do que aqueles citados como sendo feitos pelas mulheres na mesma época. Entretanto, a maioria destes objetos masculinos era produzida tendo as festas como finalidade, como será descrito adiante.

Este traço cultural se assemelha ao papel dos homens Tchambuli. Segundo Mead (1988, p.239): “[...] os Tchambuli [...] vivem principalmente para a arte. Todo homem é um artista e a maioria é hábil não apenas numa arte, porém em várias: na dança, na escultura, no trançado, na pintura etc.”

3.1 Passado

Os homens faziam seus arcos e flechas, tanto para caçar quanto para pescar. Também faziam vários artesanatos que enfeitavam seus corpos como brincos e braceletes. Os indígenas, de uma forma geral, valorizam bastante a estética, tanto

de seus corpos, pintando-os, quanto de seus artesanatos, fazendo com que os simples instrumentos do cotidiano se transformem em verdadeiras obras de arte.

Segundo Vidal (1992, p.17), são as funções éticas de uma sociedade indígena que conferem a estética de seus ornamentos e pinturas corporais e, através de um aprofundamento nesta arte indígena, é possível compreender a vida em sociedade destas comunidades. Entretanto, este trabalho não se aprofundou neste sentido, por ser um ponto extremamente complexo, cujo levantamento de dados daria, por si só, outra pesquisa.

[...] percebe-se claramente que a obra de arte faz parte da história e das experiências atuais de uma sociedade: sua especificidade, autonomia e seu valor estético não a separam absolutamente das outras manifestações materiais e intelectuais da vida humana. No contexto tribal, mais que qualquer outro, a arte funciona como um meio de comunicação. Disso emana a força, a autenticidade e o valor da estética tribal.” (VIDAL, 1992, p. 14 e 17)

Alguns fatos evidenciam que a estética e o paradigma dos Wari’ eram outros. Pois, ao contrário do que geralmente acontece atualmente, antes do contato, eram os homens que tinham mais enfeites do que as mulheres, usando brincos, colares e braceletes (feitos por eles mesmos). Também usavam o cabelo comprido enquanto as mulheres o cabelo curto.

Vidal (1992, p.13) aponta que estas variações na forma de se enfeitar, seja com ornamentos ou com pinturas corporais, evidenciam uma “concepção tribal de pessoa humana, a categorização social e material e outras mensagens referentes à ordem cósmica. Em resumo, manifestações simbólicas e estéticas centrais para a compreensão da vida em sociedade.”

Nas festas eles colocavam uma espécie de cocar, feita da penugem branca do peito do urubu, manufaturadas pelos próprios homens. Este mesmo material era utilizado pelos Asurini, entretanto, aplicavam esta pelugem em seus corpos e este era um ornamento exclusivo dos dançarinos de uma festa (ANDRADE, 1992, p.117).

Os homens faziam vários instrumentos para as festividades, como: o *Hwiroroi* (um tipo de flauta feita de taboca¹¹ com um ouriço de castanha na extremidade), o *wakam* (consiste em dois troncos grossos e ocos, suspensos paralelamente, além de uma baqueta, **Figura 10**) e a pele do tambor tradicional (Vide foto no Apêndice 2,

¹¹ TABOCA: Uma espécie de bambu

Figura 16 A), sendo esta feita do látex, proveniente da seringueira e da flor da bananeira brava. Este último instrumento era feito conjuntamente com as mulheres, sendo que elas eram as responsáveis pelo pote de cerâmica, compondo assim um dos instrumentos mais importantes nas canções proferidas nas festas Wari'.

O tambor circulava de mão em mão, e quem o estava segurando cantava uma música que havia composto – geralmente quando era um homem mais velho – ou que lhe havia sido ensinada por algum parente, e era acompanhado pelos demais. Todos desviam o olhar sempre para o chão, com exceção do portador do tambor, que, com a cabeça baixa, olhava fixamente para ele. (VILAÇA, 2006, p.112)



Figura 10: *Wakam*, instrumento tocado pelos homens Wari' nas festas tradicionais (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

Nota-se que eram os homens os responsáveis pela maioria dos objetos que animavam as festas. Vincular o gênero masculino com a festa parece cabível aqui. Voltando às atividades baseadas nos gêneros e sua relação com o artesanato, percebe-se que cada gênero confecciona o objeto que lhe é útil em sua atividade.

Em uma passagem do livro de Vilaça (2006, p.112), ela comenta que as festas *tamara* eram compostas, em sua maioria, por homens jovens e velhos e mulheres solteiras ou casadas ainda sem filhos. Entretanto, ela ainda cita que uma vez participou de uma festa em que as mulheres com filhos pequenos também

participaram desta festividade – porém como ao gênero feminino cabe cuidar dos filhos – elas ficavam sentadas amamentando e cuidando das crianças.

Outro objeto feito pelos homens é o *papaw*, ou seja, a borduna. Diversas etnias têm suas bordunas tradicionais, cada qual com um modelo diferente (para ver o modelo feito pela cultura Wari', vide Apêndice 2, **Figura 16 B**), porém com finalidades muito semelhantes: utilizá-la em brigas com inimigos e às vezes, com pessoas da mesma etnia. Esta ferramenta também pode ser usada na caça de animais. As brigas com bordunas entre os Wari' serão mais detalhadas no item 12.

Foi mencionado também um tipo de saco para carregar, do mato até a aldeia, as caças capturadas. Esta bolsa chama-se *Tukuram* e é feita pelos homens rapidamente, logo após caçar a presa.

Já as mulheres faziam cestos (Apêndice 2, **Figura 16 D**), esteiras (sobre a qual dormiam), paneros (para carregar o milho), uma faixa de algodão (para carregar o filho) e o pote de barro para a composição do tambor tradicional. O que evidencia, portanto, que suas manufaturas estavam intimamente relacionadas com suas funções/papeis sociais.

3.2 Presente

Atualmente, os homens Wari' confeccionam arco e flecha, anel, colar, pulseiras, canoa e remo. Todos estes artesanatos feitos apenas no presente são influências do contato. Cabe ressaltar que os últimos dois utensílios (remo e canoa) mostram a influência da cultura não indígena e da cultura de outras etnias indígenas na cultura Wari', já que eles não eram grandes conhecedores de navegação. Isto porque tinham medo dos grandes rios, onde, na crença deles, se localizava/localiza a aldeia dos mortos, no mundo subaquático.

Os Wari' viviam, tradicionalmente, em área de floresta de terra firme, junto a pequenos igarapés e longe de grandes rios. Não conheciam a navegação fluvial e circulavam entre as aldeias através de trilhas na floresta. Hoje, vivem ainda no mesmo tipo de ecossistema, mas aprenderam a fazer e navegar canoas, pois a maioria dos postos onde vivem aldeados situa-se nas margens de grandes rios. (VILAÇA, 1992; p.21)

As mulheres, por sua vez, fazem anéis, brincos, colares, paneros, marico (bolsa feita com a fibra da folha de uma palmeira), pulseiras, palito de cabelo e cestos. O palito de cabelo, além de ser confeccionado pelas mulheres, é também usado por elas. Ou seja, atualmente, são as mulheres que usam o cabelo comprido e os homens o cabelo curto.

A mudança no comprimento do cabelo de homens e mulheres já foi apontada anteriormente, todavia fica evidente que este fato mostra a influência cultural e a quebra de paradigmas que ocorre quando culturas diferentes estabelecem uma relação de contato. Sendo esta reconstrução mutuamente transformada ao longo do tempo, alterando assim as concepções estéticas tidas como padrões anteriores ao contato.

Agora, partindo do pressuposto apontado por Vidal (1992, em citação anterior na página 47), de que a estética de um povo desvela sua função ética, nota-se que essas mudanças de paradigmas, no caso o comprimento do cabelo para cada gênero, evidencia uma influência de novas concepções que esta sociedade passou a ter após o contato. Esta mudança de paradigmas, advinda do contato, também pode ser observada ao longo de todo o trabalho.

Estes artesanatos feitos por elas são tanto para uso próprio quanto para comercialização, sendo uma das principais fontes de rendas das mulheres indígenas de Sagarana. Por causa deste fim comercial, novos formatos para os objetos tradicionais podem ser observado entre os Wari' de Sagarana, que confeccionam cestos com formas variadas. (vide Apêndice 3, **Figura 17**)

Estas transformações relativas aos artesanatos, seja por sua nova função ou por seus novos formatos, também é evidente no povo Asurini. As mulheres desta etnia confeccionavam duas formas de cerâmica no passado, atualmente foram incorporadas novas formas, sendo que estas podem estar intimamente relacionadas com a nova função que o artesanato adquiriu nos tempos atuais, a sua venda. (ANDRADE, 1992, p. 118).

4. Educação

É interessante notar como se dá a educação para os meninos e para as meninas. Os primeiros possuem uma educação mais voltada à caçada, as atividades masculinas de prover alimento para sua família; já as meninas possuem uma

educação mais voltada ao namoro/relacionamento, como cuidado para exercer seu futuro papel de mãe e esposa.

Ensinaamentos similares aos jovens Guayaki são descritos por Clastres (2003, p.123 e 124), nos quais os rapazes, quando atingem uma idade necessária e se mostram competentes enquanto caçadores à sua família e à comunidade, logo poderão “ter uma mulher e deverá conseqüentemente prover as necessidades do novo lar.” De forma complementar as moças, quando ficam menstruadas pela primeira vez, logo poderão se tornar esposas dos jovens caçadores.

Apesar de pais e mães conversarem com os filhos e educarem conjuntamente, as práticas destinadas ao gênero masculino é mais evidentemente passada de pai para filho e as práticas domésticas é mais fortemente passada de mãe para filha.

Isto não significa que os pais não mostrem às suas filhas algumas de suas práticas ou que as mães não ensinem seus filhos os afazeres domésticos, entretanto estas misturas de gênero foram pouco observadas pela pesquisadora na convivência com o grupo.

4.1 Papel da Mãe

As filhas aprendiam e aprendem na prática as atividades femininas. Nota-se que as meninas ajudam em casa desde pequenas, além de aprenderem com as mães, e outras mulheres da família, a fabricar artesanatos. De forma análoga, Clastres (2003, p.124) descreve como as mães da etnia Guayaki educam suas filhas:

Menina de nove ou dez anos, recebe de sua mãe uma miniatura de cesto, cuja confecção ela acompanha atentamente. Ela nada transporta, certamente; mas o gesto gratuito de sua marcha [...] a prepara para seu futuro próximo. (CLASTRES 2003, p.124)

Certa vez, uma menina de dez anos contou à pesquisadora que estava fazendo almoço para sua mãe e cuidando das crianças, enquanto sua genitora fazia outros serviços que era de sua obrigação.

Diversas vezes também era possível observar as meninas com quatro/cinco anos cuidando das crianças mais novas que a mesma. A liberdade que as crianças têm em uma aldeia é muito diferente que as dos não indígenas. Elas ficam todas

muito juntas e uma cuida da outra, basta ser uns anos mais velha para cuidar das crianças mais novas. Os meninos também têm esta liberdade e andam sempre juntos, se ajudam, entretanto o ato de carregar os menores no colo foi extremamente mais observado como uma atitude feminina.

As mães também aconselham tanto os meninos quanto as meninas, entretanto é com as meninas que elas conversam sobre namoro e outros aspectos que envolvem o relacionamento. Há quem diga ainda que algumas mães mal conversam com suas filhas sobre namoro e relacionamento. Como será discutido mais adiante, esta questão ainda é tabu na comunidade Wari’.

4.2 Papel do Pai

Assim como as filhas, os filhos aprendiam e aprendem na prática as atividades masculinas. Dentre estas atividades foram mencionadas a confecção de arcos e flechas; se localizar no mato; assoviar para comunicação no mato; subir em árvore; fazer cestos descartáveis; como tratar uma mulher, dentre outros fatores que dizem respeito tanto aos relacionamentos quanto as atividades deste gênero. Assim como as mães, os pais aconselham os filhos e as filhas, não importando o sexo ao qual pertencem.

Esta forma de aprendizado informal é possível observar em diferentes culturas. Apesar das regras morais que são passadas ao longo da vida de qualquer ser humano, uma pessoa adquire seus conhecimentos e comportamentos também por vivências e observações. Se o leitor parar para analisar sua vida, verá que nem tudo o que sabe, nem todos os seus hábitos rotineiros, foram ensinados por regras ou de maneira formal.

Há alguns aspectos sociais que estão cristalizados e que, entretanto, foram passados para cada um de forma subjetiva, no convívio com os outros. Por exemplo, em São Paulo as pessoas se cumprimentam com um beijo no rosto; no Rio de Janeiro, as se cumprimentam com dois; na França, dependendo da região, os cumprimentos são compostos por três beijos no rosto; nos Estados Unidos, a não ser que a pessoa tenha muita intimidade, não há beijo no rosto quando se cumprimentam, o mesmo acontece entre os Wari’, dificilmente uma pessoa de fora irá receber alguém com um abraço e beijo no rosto.

4.3 Passado X Presente

A mudança mais nítida do ponto de vista da educação é a forma como se dá o ensino-aprendizagem. No passado, os ensinamentos eram feitos na prática, quando os filhos acompanhavam e ajudavam seus pais e mães. Atualmente isto não deixou de existir, esta educação não formal ainda ocorre, entretanto o tempo destinado a mesma ficou mais curto, já que hoje as crianças e jovens vão à escola. Mas qual a importância da escola na comunidade indígena?

Desde o contato pacífico, a necessidade do conhecimento advindo da sociedade não-indígena se tornou cada vez maior, porque agora eles não mais estão isolados em seus habitats. Ao contrário, suas áreas estão cada vez mais restritas e com maior influência da cultura exterior, isto é, a cultura dos não indígenas. A presença de uma escola passou a ser algo imprescindível para esta parte da população, pois agora eles necessitam saber seus direitos e deveres enquanto cidadãos brasileiros.

5. Educação Sexual

Antigamente existia a divisão de gênero na educação sexual, ou seja, as mães educavam as filhas mulheres e os pais educavam os filhos homens. Com relação a este item foi relatado pelos Wari' que eles conversavam e conversam sobre o assunto com os filhos desde a infância dos mesmos.

Alguns exemplos de ensinamentos citados pelos Wari' foram que os filhos tomassem banho de manhã bem cedo, para que eles crescerem saudáveis, e para que os casais não fizessem muitas brincadeiras entre eles, pois poderia causar briga.

Atualmente, não há tanta distinção de gênero na educação sexual como ocorria no passado. Entretanto, a mãe aconselha mais a filha mulher do que o filho homem, já o pai aconselha mais o filho homem do que a filha mulher. O hábito de se tomar banho bem cedo para crescer saudável ainda é um dos pontos ressaltados, entretanto os jovens não adquiriram o mesmo, dizendo que os pais os aconselham a se banhar de madrugada, entretanto, falaram que nunca se banham no horário estipulado.

É curioso notar que eles citaram a questão de tomar banho de manhã bem cedo enquanto era abordada a educação sexual. Os mais velhos dizem que tomar

banho de manhã bem cedo faz com que as pessoas cresçam fortes. Novaes (1996, p.78) diz que “[...] parceiros sexuais lavam-se logo pela manhã, a fim de remover resíduos de fluidos sexuais e secreções de seus corpos. A falta de higiene íntima é explicativo para certas doenças.” Portanto, nota-se que este fato está ligado à higiene pessoal, sendo esta passada desde criança, quando eles ainda não têm relação sexual, para assim criarem este hábito.

6. Menstruação

No passado, dentro da cultura Wari’, a menstruação só era considerada verdadeira após a primeira relação sexual, com isso, é considerada como um sinal. Novaes (1996, p.64), aponta que o sangue é formado por duas fontes de matérias primas, os alimentos ingeridos e outros fluidos vitais. Tal pesquisadora cita o sêmen como um destes fluidos. Talvez seja este o motivo para a menstruação ser verdadeira só após a primeira relação sexual, já que uma das substâncias que compõem este sangue menstrual é o sêmen proveniente da relação.

Observe-se que, segundo os Wari’, uma mulher só menstrua se estiver tendo relações sexuais. A primeira menstruação considerada verdadeira só ocorre depois da primeira relação. Da mesma forma, se uma mulher ainda jovem interromper as relações sexuais (viagem, morte do marido etc.), sua menstruação é suspensa. (VILAÇA, 1992, p.116, nota 7)

Caso este período menstrual se iniciasse antes do casamento, os pais da menina ficavam extremamente preocupados, pois achavam que não tinham sido bons pais e que não haviam cuidado bem de sua filha, pois ela havia ficado menstruada antes mesmo de ter relações sexuais. Em contrapartida, quando havia a primeira relação sexual entre o novo casal e não havia o sinal de perda de virgindade, causada pelo sangue na ruptura do hímen, o homem, assim como os pais da moça, ficava muito chateado com a situação.

Naquela época, as pessoas desta etnia andavam nuas e, portanto, não usavam absorventes no período menstrual. Para tanto, as meninas ficavam sentadas o dia todo em uma esteira, confeccionando outras esteiras (vide **Figura 11**). Esta situação causava um isolamento da mulher menstruada perante o resto da comunidade, pois esta não saía para os ambientes sociais e comunitários da sociedade onde vivia. Andrade (1992, p.130) aponta que dentro dos Asurini as

mulheres, quando menstruadas, têm restrições quanto a se pintar, a participar de uma festa/ritual e de ter relações sexuais.



Figura 11: Mulher fazendo esteira (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

Assim como as mulheres Asurini, as mulheres Wari', quando ficavam menstruadas, também não podiam ter relações sexuais. A explicação para tal fato foi o respeito para com o corpo da mulher. Outra restrição relatada era a de não poder sentar na cadeira quente, para não ter cólica.

Qualquer pessoa que comer carne crua, mal assada/cozida (o que inclui ter relações sexuais com mulher menstruada), especialmente carne de um animal apreciado como presa pelo jaguar – ou que ingerir, por descuido, sangue – arrisca-se a ser devorada por um jaguar. Se todos aqueles que morrem devorados por um jaguar tornam-se jaguar por terem seus *jam* incorporados a esta espécie, todos os que comem como jaguar tornam-se também jaguar. (VILAÇA, 1992; p.68)

Já hoje em dia, o sinal da menstruação em meninas solteiras não tem mais tanto peso como tinha no passado. Isto porque atualmente as moças namoram e paqueram antes de se casarem. Com isso, não existe mais a regra de ser virgem até efetivar o casamento, ou seja, casar-se virgem deixou de ser algo relevante, como pode-se observar também na maioria das culturas não-indígenas.

Atualmente, as mulheres, no período menstrual, não ficam mais sentadas na esteira, pois usam roupas e absorventes. Entretanto, a liberdade de ir a qualquer lugar não é total, porque se elas forem para o mato durante este período, elas poderão atrair o jaguar, por causa do cheiro do sangue, o que se torna muito perigoso, visto que a região é ocupada por esta espécie animal.

O cheiro do sangue menstrual ou do sangue relacionado com o sangramento pós-parto, por exemplo, são considerados poderosos atrativos de jaguar e torna aqueles contaminados com tal cheiro particularmente vulneráveis aos ataques de jaguar. Ataques de jaguar compõem parte da etiologia natural das doenças. Doenças moderadas e debilitação física também podem ser atribuídas ao contato indevido com os fluidos da mulher, mas não a morte (CONKLIN, 1989, p.312 APUD NOVAES, 1996, p.78)

A cultura Asurini encara a restrição das mulheres menstruadas de forma análoga, pois explica a privação de determinados ambiente também pelo cheiro provocado neste período. Para este povo, a mulher, quando está menstruada, não pode participar das festividades, pois o cheiro do sangue menstrual provoca manifestações agressivas e canibais da força *karowara*¹² que os homens carregam dentro de si. (ANDRADE, 1992, p.130)

Aspectos como não poder sentar no banco quente e não ter relações sexuais neste período são respeitados ainda hoje. Outra restrição que se nota apenas atualmente é não carregar peso, o motivo deste tabu não foi explicitado para a pesquisadora, entretanto pode ser uma confusão entre o período menstrual e a gravidez. Já que no passado as mulheres grávidas carregavam peso e, com o contato, passaram a não carregar mais (perigo de se perder o bebê) e talvez tenha sido uma associação entre o período menstrual e a gravidez.

7. Paquera

No passado, a paquera consistia em o homem predestinado a determinada menina presentear os pais da mesma, o que mostra uma pessoa que cuida de sua futura família e que cuidará da menina prometida para ele. Esses presentes consistiam em arcos e flechas bem feitos, além de caças e peixes que o rapaz trazia após uma caçada ou uma pesca. Esta “propaganda” que era feita aos pais da

¹² *karowara* é uma força sobrenatural que causa descontrole sobre a pessoa que a recebe (ANDRADE, 1992, p.126)

menina evidencia algo que já foi discutido anteriormente, ao homem cabe a incumbência de prover alimentos, portanto, mostrar aos pais da garota que ele sabia fazer arco e flecha (instrumentos da caça) e que era bom pescador e caçador, dava-lhe características positivas e de confiabilidade.

Durante a paquera o casal que havia sido predestinado não podia ter relação sexual, entretanto o homem, ainda solteiro, podia se relacionar sexualmente com outras mulheres. Já as mulheres, como dito anteriormente, não podia ter relações sexuais com outros homens antes do casamento.

O hábito de presentear a família de sua futura esposa continua na rotina dos rapazes Wari'. Porém, foi relatado que, atualmente, eles têm mais relação sexual antes do casamento do que no passado. Um dos motivos para isso, é que antes do contato, as meninas não tinham relação sexual antes do casamento. Hoje, esta proibição não existe mais e, portanto, os rapazes têm mais oportunidades de se relacionar sexualmente com as meninas.

Outro ponto levantado que mostra uma mudança no comportamento dos jovens é que, com o contato, o hábito de “ficar” passou a acontecer também entre os Wari'. Eles descreveram este “ficar” como beijar, conversar, trocar carinhos e contar segredos. Disseram ainda que possa haver relação sexual ou não, mesmo sendo apenas por aquele momento.

É importante ressaltar que, apesar de não haver mais uma proibição quanto ter relação sexual antes do casamento ou mesmo “ficar”, essas mudanças no comportamento dos jovens causa preocupação dos pais. Entretanto, esta insegurança não é mais relatada enquanto um tabu, com a perda da virgindade e um desrespeito para com o homem prometido a sua filha, e sim com o medo de suas filhas engravidarem ainda solteiras.

Outro ponto relatado foi que atualmente, quando uma pessoa está interessada por alguém, chega e fala, independentemente do sexo. Entretanto, às vezes as meninas ficam com vergonha e medo de falar, principalmente as mais novas.

8. Namoro

Sobre este assunto a pesquisadora se restringiu ao período presente. Isto porque, como já foi discutido, no passado o namoro não ocorria, já que a menina,

ainda recém-nascida, era prometida a um jovem solteiro, o qual acompanhava seu crescimento dando lhe presentes, caças entre outros agrados a ela e à família dela.

Cabe relatar as duas versões que a pesquisadora ouviu sobre o namoro atual. Uma contada pelos adultos e outra pelos próprios jovens. Os adultos Wari' disseram que na época em que eles namoravam, os rapazes iam visitar os pais de sua namorada, para que os mesmos conhecessem o futuro companheiro de sua filha e para que vissem se aprovavam.

Já hoje, eles disseram que o namoro está muito similar ao namoro dos não indígenas, ou seja, pode ter mais de um namorado durante a juventude e não tem tanto compromisso como no passado. Entretanto, disseram que os jovens atuais ainda conservam a intimidade e não se beijam e nem se abraçam em público, o que condiz com os hábitos tradicionais desta cultura.

Na versão dos jovens, eles dizem que hoje a maioria esconde o namoro, isto porque a maioria das mães não entende e fica com medo da filha engravidar. Aqui é interessante comparar com a resposta que os adultos deram, dizendo que no passado mais próximo, os rapazes visitavam seus futuros sogro e sogra, pois se os jovens de hoje namoram escondidos, significa que eles não visitam os pais da menina, o que confirma a versão dos adultos.

Ainda comparando as duas versões, nota-se que o namoro atual nem sempre tem o compromisso que se tinha no passado quando, durante a entrevista, a seguinte frase é dita pelos jovens: "Namoro é uma coisa, casamento é outra coisa."

Todavia, há ainda uma parcela de jovens que tem outro discurso. Como poderá ser constatado, esta parcela mostra a pluralidade existente nos jovens de hoje, que vivem a transição e a transformação cultural influenciada pela cultura não indígena.

A mesma diz que quando a sogra não aceita o namoro, a menina para de ter esta relação, mesmo que sua própria mãe tenha aceitado, pois isto significa que a sogra não gosta desta moça. Entretanto, quando os pais não aceitam o namoro, namora-se escondido.

Esta parcela de jovens, também disse que quando quer namorar, os rapazes pedem para os pais da menina, e que o namoro pode acontecer entre os parentes por afinidade e entre pessoas do mesmo subgrupo, desde que não sejam parentes muito próximos.

O namoro, segundo os jovens, consiste em dar presentes, fazer passeios, convidando para sair, vão pescar. Um fato importante a ressaltar é a frase “vão pescar” dita pelos jovens, seguida de muita risada. Isto porque pescar é muitas vezes utilizado como eufemismo de ter relação sexual.

O namoro se inicia por volta dos 13/14 anos de idade de ambos os sexos. No início, quando os jovens são mais novos, não há tanto compromisso por parte deles. Este compromisso maior vem com o tempo, quando os jovens ficam mais velhos e mais maduros, o que não difere, de uma maneira geral, da sociedade não indígena. Eles também disseram que acontece de haver namoro entre pessoas de aldeias diferentes, porém é mais difícil, pois se encontram muito pouco.

9. Relação Sexual

Os Wari' relataram que só depois do casamento é que os casais podiam sair para passear no mato ou pescar com sua futura esposa/marido. Uma explicação plausível para tal restrição é que o fato de “passear no mato” e “pescar” pode ser interpretado como um eufemismo de ter relação sexual, como apontado anteriormente. (VILAÇA, 1992, p.175).

Outra restrição relativa ao relacionamento sexual que foi descrita pelos Wari' consiste em não se relacionar sexualmente antes de sair para o mato, para caçar. A explicação para a mesma é que quando um casal tem relação sexual, há muitas trocas de fluidos, sendo que os hormônios são demasiadamente produzidos. Com estas trocas, o corpo de cada um do casal ficará com cheiro do ato sexual.

Caso um homem saia para caçar no mato após ter uma relação sexual, ele poderá atrair um jaguar ou uma cobra por causa do cheiro proveniente do momento passado com a outra pessoa. Correndo o risco de morrer, pois, além de atrair estes animais, também têm em seu corpo outras substâncias que não apenas a sua própria, de tal forma que isto o tornasse mais fraco para a recuperação destes acidentes.

Este acontecimento pode ser evidenciado de forma análoga com a restrição ao período menstrual, discutido no item 5, no qual os homens não podem se relacionar sexualmente com as mulheres menstruadas por causa do cheiro, que, assim como neste caso, poderá atrair o jaguar.

Com outro viés, após uma expedição guerreira, os homens passavam por um tempo de reclusão, no qual não podiam ter relações sexuais. A explicação para esta reclusão envolve diversas crenças. Quando um homem flechava seu inimigo, ele passava a ser consubstancial do mesmo (assim como ocorre na relação sexual), pois o espírito-sangue¹³ da vítima era penetrado em seu corpo. Quando voltavam, estes homens precisavam passar por um período sem fazer muitos esforços, para assim guardar aquelas substâncias em seu próprio corpo e ficarem mais fortes. (VILAÇA, 2006, p.176 e 179)

Dentre as várias restrições para não se perder este espírito-sangue, ressalta-se que os matadores não podiam fazer sexo, pois, caso contrário, a substância adquirida do inimigo passaria toda para a mulher e, conseqüentemente, ela engordaria sozinha. Vilaça (2006, p.179), ainda aponta que “Dentro do corpo, o espírito-sangue do inimigo propiciaria o engordamento do matador, o que, dizem os Wari’, era o objetivo principal da guerra e da reclusão.”

Após o estabelecimento dos postos de atração, as expedições guerreiras ficaram cada vez menores até acabarem, com o contato pacífico. Conseqüentemente, a reclusão deixou de ser algo notório na cultura, o que inclui a diminuição das restrições relativas às relações sexuais.

Hoje os jovens têm relação sexual antes do casamento, sem a proibição que havia para as mulheres. Ou seja, antes de se casarem, eles saem para “passear no mato” e “pescam” com os namorados ou namoradas. Também quando “ficam” podem ou não se relacionar sexualmente, dependendo das pessoas envolvidas.

A iniciação sexual entre os jovens varia de acordo com cada indivíduo. Porém, como a pesquisadora pediu para eles relatarem uma idade média, eles disseram que é por volta dos 13, 14 anos, mas deixaram muito claro que depende do casal.

A restrição quanto a ter relação sexual antes de sair do mato ainda persiste e, ao que parece, eles respeitam a mesma. Um fato interessante, que será mais bem discutido no item “gravidez” é com relação à interpretação da relação sexual e desta troca de substâncias. Para eles, quando duas pessoas se relacionam sexualmente, trocam fluidos, o que tornam seus corpos um só, assim como o de seus filhos. Além

¹³ Segundo Vilaça (2006, p.176), o termo espírito-sangue foi usado “[...] porque os Wari’ alternam estes dois termos ao se referirem à parte do inimigo que penetrava no matador.

disso, o simples ato de compartilhar da mesma comida diariamente também faz com que seus corpos se assemelhem.

A consubstancialidade desdobra-se em comensalidade, isto é, em semelhança de dieta [...] A comensalidade marca de tal forma as relações de substância, que aqueles que são tornados comensais são identificados como consubstanciais [...] (VILAÇA, 1992, p. 53-54)

10. Casamento

Os Wari' contam que, antes do contato, eram os pais os responsáveis pela escolha do futuro genro. Os homens escolhidos naquela época eram bem mais velhos que suas respectivas esposas, tinham cerca de trinta anos a mais que a menina.

Por serem bem mais velhos e mais maduros, os pais confiavam no homem escolhido, pois sabiam que ele cumpriria com as responsabilidades para com suas filhas. Além disso, tinham maturidade para não ter tantos filhos e o espaço de tempo entre um filho e outro ser muito maior do que se observa atualmente (para melhor entendimento ver item "Métodos Contraceptivos").

Estes homens viviam na casa dos homens solteiros (ou *kaxa'*) anteriormente descrita. Por uma facilidade na observação do comportamento destes homens, os pais optavam, na maioria das vezes, por rapazes que viviam na mesma aldeia que eles. Mesmo porque, as aldeias eram muito distantes umas das outras. Ou seja, existia a facilidade na observação dos pais em relação às características deste homem, se era trabalhador, se ajudava em casa e se, sob a óptica do casal, ele seria um bom marido para a recém nascida.

Como as aldeias eram constituídas basicamente de um subgrupo, a exogamia desses subgrupos era algo raro. Entretanto, às vezes acontecia de um casal escolher um homem solteiro de outra aldeia, neste caso a escolha era geralmente feita em festas realizadas com estas aldeias envolvidas.

Esses subgrupos visitavam-se, especialmente, para a realização de três tipos de festas: *tamara*, *hüroroin'* e *hwitop'*. Membros de diferentes subgrupos podiam casa-se entre si. Entretanto, apesar de não ser possível determinar a frequência desses casamentos exogâmicos no passado, parece que havia um ideal de endogamia de subgrupo. (VILAÇA, 1992; p.20)

Outro fato curioso é a não permissão do casamento entre parentes, sendo exceção os parentes por afinidade, com os quais o casamento era permitido. Novaes (1996, p.69-70) descreve que, para os Wari', há dois tipos de parentes: aqueles que são parentes verdadeiros, que definem um grupo de cognatos não casáveis e aqueles que são "parentes, mas nem tanto" ou "parentes de brincadeira", que formam um grupo de afins "[...] com os quais é permitida a troca de mulheres."

No sentido mais restrito, entretanto, parentes são aqueles que vivem juntos ou próximos, e com quem se pode traçar laços genealógicos precisos, especialmente os membros da família nuclear, com ênfase nos germanos de mesmo sexo. Possuem o mesmo corpo, dizem os Wari'. Avós, pais, irmãos dos pais e seus filhos, germanos, filhos, filhos dos germanos e netos, além dos cônjuges, seriam essencialmente o que os Wari' chamam de "parentes verdadeiros". Este seria o grupo mínimo dentro do qual as relações sexuais são consideradas incestuosas - com exceção evidente dos cônjuges [...] (VILAÇA, 1998)

Algo semelhante pode ser notado no povo Xerente. Segundo Maybbury-lewis apud SILVA & FARIAS (1992, p.96), a exogamia de clãs era condenada pelos mais velhos, porém o que as pessoas mais jovens realmente se preocupavam era em acatar a exogamia de *linhagens*, para assim não haver casamento entre parentes.

Com relação à cerimônia, não havia nenhum ritual de casamento naquela época e, geralmente, o homem ia morar com a família da mulher prometida a ele, entretanto o contrário também podia acontecer.

Algumas vezes, um homem era casado com mais de uma mulher, todavia este fato acontecia quando um marido morria deixando sua esposa e filhos e, para que esta família não ficasse sem amparo, o primeiro homem, geralmente parente do falecido, assumia a viúva, e, até onde se sabe, se este homem já era casado, a primeira aceitava sem reclamar.

Atualmente isto não ocorre, principalmente pelo contato que esta cultura tem com a cultura não indígena, sendo assim, a primeira esposa geralmente não aceita que seu marido tenha outra esposa que não apenas ela. Outro fator que confirma isto é a resposta dada pelos jovens, os quais nunca conheceram um homem com mais de uma esposa. Talvez essa mudança cultural de não aceitação da poliginia ocorra porque não eram numerosos os casos de um homem ser casado com mais de uma mulher, o que facilita uma transformação neste sentido.

Entretanto, a poliginia pode ser observada em outros povos, o que, desconstrói assim, o conceito de normalidade (casamento heterossexual e monogâmico) tantas vezes observado na cultura não indígena brasileira. Um exemplo desta forma de união pode ser observado no povo Tchambuli, no qual os homens podem ter mais de uma esposa. Apesar desta característica cultural de poliginia que, ao olhar ocidental, possa parecer degradante às mulheres desta cultura, são elas que detêm a posição de poder na sociedade Tchambuli, pois a comunidade depende do peixe pescado pela mulher, assim como do dinheiro proveniente da principal manufatura deste povo, os mosquiteiros. (MEAD, 1988, p.245 e 246).

Ainda se tratando de poliginia, porém agora com outro viés, há, entre o povo Guayaki, a poliandria. Clastres (2003, p.133) explica este comportamento por causa de um excesso de homens nesta sociedade e, para que não houvesse uma redução demográfica, as mulheres absorviam os homens excedentes como maridos secundários. E, por mais que para os homens Guayaki este relacionamento não é o ideal (Clastres, 2003, p.134), aceitam, pois, assim como as mulheres Wari', no passado, despendiam dos alimentos caçados pelo gênero masculino, os homens Guayaki preferiam compartilhar uma mesma mulher a estar findado ao celibato ou ainda a diminuir a população local. O que evidencia a construção de um paradigma cultural.

A espécie humana se difere anatômica e fisiologicamente através do dimorfismo sexual, mas é falso que as diferenças de comportamentos existentes entre pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente. A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra. (LARAIA, 2009, p.19)

A ideia é desconstruir padrões inerentes da cultura não indígena brasileira. Pois, os exemplos apresentados anteriormente evidenciam que os conceitos de normalidade quanto à poliginia *versus* monogamia são construídos ao longo da história de cada povo. Quando um povo entra em contato com outra cultura, como aconteceu no caso dos Wari', a aceitação de um casamento poligâmico passa a ser inexistente e inadmissível. Assim como outros aspectos culturais que foram e serão transformados ao longo da história que está por vir.

Uma dessas transformações, que já se pode observar atualmente, é o fato de serem as próprias mulheres que escolhem seus maridos e não mais os pais delas. Este fato é bastante interessante, pois os pais, tanto num passado não muito distante quanto atualmente, desconfiam bastante da escolha da menina, assim, é muito difícil os pais ficarem contentes com a escolha da filha.

Muitas vezes, as mulheres engravidam e, para que ela não fique sem amparo, os pais intimam o genro a se casar com a filha, para assim assumir a criança. Deste modo, o jovem casal consegue que haja a união desejada sem o impedimento dos pais. Entretanto, há alguns casos em que a mulher não quer se casar com o pai da criança, sendo assim, ela recebe um apoio da própria família.

Todo este conflito sobre a escolha do marido é explicado pelos adultos, por uma insegurança que eles têm, já que os homens escolhidos por suas filhas são mais jovens do que aqueles escolhidos no passado, e, com isso, os pais têm medo que o genro não cumpra com o seu compromisso, não tratando com respeito sua esposa e os possíveis filhos e filhas.

Ainda sobre o casamento, foi dito que não se pode casar com os parentes, como também pode ser observado na categoria passado. Porém, eles ressaltam que só pode haver casamento entre parentes quando os envolvidos tiverem um parentesco bem distante. Isto porque hoje em dia os Wari' consideram que todas as pessoas do mesmo subgrupo como parentes. Inclusive, eles se utilizam de seus subgrupos como uma forma de sobrenome em seus documentos atuais.

Mas a restrição de casamento não se limita aos parentes. Os jovens falaram que desde a dita "pacificação", não é permitido o casamento entre os Wari' e os não indígenas. As justificativas que os Wari' deram giraram em torno de dois pontos. Um estava relacionado às características físicas, pois com esta possível miscigenação, os traços indígenas podem ser perdidos, podendo descaracterizar os aspectos físicos do povo. O outro ponto foi com relação à perda do nome, pois caso um homem não indígena tenha um filho ou uma filha com uma mulher indígena, o sobrenome, que no caso é o nome do subgrupo, se perde, sendo assim, aquele filho ou filha terá o sobrenome não indígena.

Outro ponto relativo ao casamento foi a celebração. Disseram que atualmente há festa quando se casam, geralmente um almoço, porém a festa, por motivos óbvios, não acontece quando o casamento é escondido. Este segundo tipo de

casamento geralmente ocorre quando os pais da garota têm ciúmes de sua filha, ou então não confiam na responsabilidade do rapaz com que ela pretende se casar.

11. Rapto de Mulher

Antes de iniciar a discussão sobre este item, cabe explicar exatamente em que consiste este “rapto”. A palavra em si não é a mais adequada, já que a mulher não é forçada a fugir com o homem e sim convidada, podendo aceitar ou não.

No passado, o rapto acontecia quando um homem e uma mulher se amavam muito, entretanto a mulher já era casada ou prometida a alguém. Com isso, o casal combinava de fugir e iam morar em outra aldeia. Porém, tal fato geralmente causava muita briga entre as famílias dos envolvidos, pois no passado a mulher (como foi explicado no item casamento) era prometida ao homem quando recém nascida. Os motivos para estes conflitos podem ser porque, às vezes, a mulher gostava mais de outro homem e não daquele que lhe fora prometido, fazendo com que ela fugisse com seu amado. Seu “noivo”, por sua vez, teve a garantia dos pais da menina que ela seria sua esposa e, com isso, depositou esforços para aquele relacionamento. Portanto, uma rejeição da moça poderia lhe causar muita raiva e, como consequência, a briga com borduna ocorria entre sua família e a família desta mulher.

[...] o casamento que aqui se estuda [...] depende de um rapto e, por conseguinte, de um conjunto de iniciativas, que os nubentes devem estar aptos a tomar, de modo a que propositadamente e de acordo com um certo padrão cultural se configure um (consensual) rapto da mulher. (GNACCARINI, 1989)

O rapto em diferentes subgrupos era muito difícil de acontecer, já que as aldeias dos mesmos eram distantes e, com isso, se encontravam pouco, geralmente eram apenas nas festas que os subgrupos tinham um contato.

Após o contato, o hábito de se realizar casamentos, prometendo a recém nascida a um homem solteiro, deixou aos poucos, de ser efetivado. Com isso, eram os próprios homens e mulheres que se escolhiam enquanto casal. Por conseguinte, o rapto entre pessoas já casadas deixou de ter sua justificativa.

Atualmente o “rapto” continua acontecendo, entretanto ele ocorre entre os jovens quando os pais são contra o namoro. Com isso, os rapazes podem convidar

as meninas para fugir por uma noite ou então passam a morar juntos, casando escondido.

Houve alguns relatos nas entrevistas que diziam sobre algumas mães que, quando descobrem que suas filhas fugiram com um determinado rapaz por uma noite, ficam bravas e brigam com suas filhas.

O fato dos pais serem contrários ao namoro já foi discutido no item namoro, mas cabe ressaltar ainda que umas das justificativas dadas para esta fuga é o ciúme que os pais têm de suas filhas, não permitindo o namoro entre elas e um determinado rapaz.

12. Traição

Sobre este assunto, os Wari' deixaram claro que a traição é algo conflituoso, não aceito culturalmente. Também ressaltaram que a traição acontece mais entre os casais de namorados do que entre os casados.

Antes do contato, quando um dos membros de um casal traía seu companheiro ou sua companheira, uma briga se instaurava. Primeiramente a pessoa traída batia com a borduna na pessoa traidora. Esta, por sua vez, batia em quem lhe havia batido. A família da pessoa traída se indignava com a situação e, por sua vez, batia na pessoa traidora. Com isso, a família da pessoa traidora, também indignada com a situação, batia na família da pessoa traída. Porém, depois que a raiva passava, bebiam chicha e ficava tudo certo, sem maiores rancores.

Tradicionalmente, praticavam uma luta chamada "*ka mixita wa*" (onde *mixita* = bater sobre a cabeça), a fim de diluir conflitos internos, como por exemplo, as agressões físicas contra as mulheres e o adultério. (NOVAES, 1996, p.76)

É interessante notar esta relação com a briga e com a raiva que este povo tem. O sentimento existe, porém, após ter sido posto pra fora (através da briga), ele passa, e a pessoa permanece sem guardar mágoa uma da outra.

Atualmente a briga, por causa de uma traição, continua acontecendo. Porém, hoje eles não se utilizam mais da borduna e, as famílias dos envolvidos também não participam do conflito. No máximo os pais interferem na briga do casal. O que continua deste conflito é a relação entre a raiva e a briga. Após o casal brigar e expor todo aquele sentimento de raiva, o conflito passa.

Foi descrito ainda que no namoro a traição é mais freqüente do que no casamento, porque no primeiro tipo de relacionamento a infidelidade pode acarretar em briga ou no término deste envolvimento. Já no casamento, a separação é rara, pois há maior envolvimento pelas partes, além do fato de, muitas vezes, se ter uma família constituída, com isso o pai ou a mãe dificilmente irão abandonar seus filhos ou filhas.

13. Gravidez

Os pontos conversados sobre a gravidez não diferiram muito entre o passado e o presente. Portanto, a pesquisadora resolveu mesclar hábitos do passado com os hábitos atuais, especificando quando ocorre em apenas uma das épocas ou nas duas.

Nota-se que, na cultura Wari', a gravidez é profundamente observada pelos pais, uma das justificativas para isso é porque eles não podiam, e nem podem contar, com a tecnologia vigente das cidades. No passado, e ainda em alguns casos de hoje, não apenas os pais observam a gestação, mas também a parteira da aldeia acompanha todo o desenvolvimento deste período, já que é ela a detentora deste conhecimento.

Atualmente, quando fazem um acompanhamento pré-natal por meio das tecnologias da sociedade não indígena, precisam se deslocar até hospitais, o que se torna praticamente inviável fazê-lo com a freqüência que os casais urbanos fazem. Há ainda algumas mães e pais que permanecem na cidade durante os últimos meses da gestação.

Por esta dificuldade de acesso e pela inexistência destes aparelhos no passado, os cuidados no período de gestação são inúmeros, dentre eles, foi descrito pelos Wari' o fato de ouvir o batimento cardíaco do bebê e sentir a posição em que o bebê está no útero da mulher. Outro cuidado curioso consiste nos tabus alimentares para este período.

Tabela 4: Tabus Alimentares na Gravidez

Assunto	Animal	Explicação
Tabus Alimentares na gravidez	Alencor (Ave)	Para o bebê não chora muito e não ficar inchado

Tabus Alimentares na gravidez	Cascudo	Para a criança não respirar pela boca
Tabus Alimentares na gravidez	Cotia	NADA
Tabus Alimentares na gravidez	Gato Marajá	Para não correr risco de o bebê nascer morto
Tabus Alimentares na gravidez	Gavião	Para não correr risco de o bebê nascer morto
Tabus Alimentares na gravidez	Ovo de gaivota	Para o bebê não chora muito
Tabus Alimentares na gravidez	Paca	Para a criança não ficar com manchas brancas pela pele, a chama "mancha de paca"
Tabus Alimentares na gravidez	Quati	Causa tontura na criança
Tabus Alimentares na gravidez	Saracura	Para o bebê não chora muito

A crença em tabus alimentares é bastante presente na aldeia, mas ela veio dos saberes ancestrais desta cultura. Essas restrições se dão principalmente quando a mulher está grávida. Neste caso, tanto ela quanto o pai da criança aderem tal comportamento. Isto porque eles acreditam que com as trocas de fluidos corporais, realizadas nas relações sexuais, os corpos se conectam de tal forma que passa a ser um, ou seja, tornam-se consubstanciais; no sentido de que há a circulação de esperma e lubrificações no ato sexual. Tal fato é apontado por Vilaça (1998) "Os cônjuges, concretizado o casamento, são tornados consubstanciais por meio da intensa troca de substâncias corporais que ocorre entre eles: sêmen, líquidos vaginais e suor".

Um fato curioso é que esta unificação de corpos se estende aos filhos do casal e a criança gerada por esta troca também possui o mesmo sangue, conseqüentemente o mesmo fluido e também faz parte deste corpo. Portanto, para que o tratamento tenha real efetividade ele deve ser feito pelo pai, pela mãe e pela criança, ou seja, se o pajé diz que uma criança não pode comer determinado alimento, os pais da mesma também não poderão comê-lo. Caso contrário, o filho

não irá recuperar de determinada doença e/ou ficará doente, pois o alimento de seus pais, de certa forma, atinge seu corpo.

Os filhos são considerados substancialmente idênticos ao pai e mãe, compartilhando com eles e entre si (irmãos) o mesmo sangue, que se traduz como 'o mesmo corpo'. Os cônjuges, devido à frequência das relações sexuais, quando seus sangues se misturam, também passam a compartilhar o mesmo sangue e, portanto, uma identidade física, que se desfaz em caso de separação (com a interrupção das relações sexuais) (VILAÇA, 1992; p. 52-53)

Como foi apontado na **Tabela 4**, dentre os alimentos que devem ser excluídos da alimentação do casal durante a gestação, foram descritos: alguns peixes, como o cascudo – pois senão o bebê irá respirar pela boa –, o quati – porque pode causar tontura na criança –, ovo de gaivota, saracura e alencor – para que o bebê não chore muito –, além disso, se o alencor (uma ave) for ingerido neste período, o bebê poderá ficar inchado, gavião e gato marajá – pois, caso contrário, o bebê pode nascer morto – e a paca – para que a criança não fique com manchas brancas pelo corpo, as chamadas “mancha de paca” – além da cotia, que não souberam explicar o motivo para a pesquisadora, apenas afirmaram que não podia ingeri-la neste período.

Outra restrição citada pelos Wari' no período da gravidez foi com relação ao pai da criança matar alguns animais como a onça, algumas cobras e o queixada. Há algo em comum entre estes animais. Eles possuem *jam-* (podendo ser traduzido por alma), o que para os Wari' é um fator muito relevante, já que os animais que possuem *jam-* são considerados humanizados:

A presença do espírito (*jam -*, sempre acompanhado de sufixo indicador de posse) é exclusiva a alguns tipos de seres: Wari', inimigos (índios de outras etnias e Brancos), determinados mamíferos (onça, queixada, anta, caitetu, macaco-prego, veado roxo e veado vermelho, dentre outros), todos os peixes, algumas aves, todos os tipos de abelhas e cobras, além de alguns poucos vegetais. O espírito é o que caracteriza a humanidade, o que torna qualquer ser, *wari'* ("nós" no plural inclusivo, "ser humano", "gente"). (VILAÇA, 1998)

Quando questionados se precisava haver várias relações sexuais para o bebê nascer forte, os Wari' negaram. Ainda disseram que nunca tinham ouvido falar a respeito deste costume; entretanto tal informação pode ser observada na literatura:

Para que o corpo da criança seja formado, são necessários depósitos sucessivos de sêmen no fundo da vagina. Se, após o início da gravidez, a mulher interromper as relações sexuais, devido à ausência do marido ou dos parceiros, a criança nascerá pequena e fraca. Faltar-lhe-á justamente corpo, substância. Se, por outro lado, uma mulher, já grávida ou não, tiver relações sexuais com outros homens, além do marido, o sêmen de todos eles vai colaborar na constituição do corpo da criança. Mas, no fim, aquele que assume a paternidade (freqüentemente o próprio marido) acaba por ser reconhecido como único pai biológico. (VILAÇA, 1992; p. 52)

A explicação mais plausível que a pesquisadora pode argumentar é uma transformação na cultura Wari' de Sagarana, com o contato com diferentes entidades, repletas de morais e valores. Ou então, os Wari' entrevistados por Vilaça podem ser de outros subgrupos, já que seu local de trabalho não foi Sagarana, e talvez os subgrupos entrevistados tenham esta crença característica a eles.

Outro cuidado citado pelos Wari' foi que a mulher grávida não pode carregar peso. Porém, este cuidado provavelmente veio com o contato, já que no passado eram sempre as mulheres que carregavam os paneros (vide **Figura 12**) e as crianças, pois assim, como dito anteriormente, os homens poderiam proteger sua família de qualquer ataque inimigo, ou ainda caçar algum animal para a alimentação dos mesmos, caso estes fossem encontrados no meio do caminho.



Figura 12: Mulher carregando panero cheio de milho (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

14. Parto

No passado, eram as mulheres mais velhas que faziam o parto, por serem elas as detentoras deste conhecimento. Os Wari', principalmente as mulheres, explicaram brevemente como o mesmo ocorria. Na hora do parto, participavam três mulheres; uma ficava nas costas da grávida, outra ficava massageando a barriga, colocando o bebê na posição certa (caso ele não estivesse) e induzindo-o a sair, e a terceira ficava auxiliando no que fosse preciso e era ela que segurava o recém-nascido. Após o nascimento, o bebê permanece um tempo em cima da barriga da mãe e só após este momento o cordão umbilical é cortado.

Alguns detalhes importantes quanto ao momento do parto. Os homens não podiam estar presentes, nem as crianças. Eles explicaram que se uma criança estivesse no momento do parto, poderia atrapalhar querendo atenção ou brincando com algo, fazendo com que essas mulheres se distraíssem. Já com relação aos homens não houve nenhuma explicação, apenas que eles não podiam presenciar o episódio.

Atualmente há ainda este parto realizado na aldeia. Entretanto a restrição da presença dos homens não é mais tão rígida, mesmo porque os agentes de saúde indígenas também fazem alguns partos e os mesmos nem sempre são mulheres.

Entretanto, foi relatado que hoje a maioria dos partos é feita na cidade, em hospitais. As mulheres vão à cidade geralmente nos últimos meses de gravidez e tem seus filhos no hospital. Após o parto há um período de resguardo, no qual não se pode ter relação sexual, caso contrário o bebê fica com disenteria, como será mais abordado no próximo item.

15. Amamentação

Este assunto aponta uma diferença de atitude entre os períodos antes do contato e após o contato com a cultura não indígena. Antes deste contato, as mulheres Wari' amamentavam os bebês até eles completarem três anos de idade; a amamentação era complementada com outros alimentos quando o bebê completava um ano de idade e acreditava-se que durante o período de amamentação os pais não podiam ter relação sexual, pois caso contrário a criança teria diarreia.

Atualmente foi relatado que os casais não têm respeitado este período de resguardo na amamentação. Isto pode ser um fator que explica porque antigamente o espaço de tempo entre um filho e outro era maior quando comparado com os dias atuais, entretanto este assunto será analisado no item seguinte.

Além disso, hoje, os Wari' disseram que as mães complementam a amamentação, dando outros alimentos ao bebê quando o mesmo tem por volta de seis meses a oito meses, não esperando eles completarem nem um ano de idade. Estas alterações evidenciam a influência e troca cultural com os não indígenas da região.

16. Método Contraceptivo

Os Wari' relataram que no passado não havia um método contraceptivo específico, entretanto disseram que o espaço de tempo entre um filho e outro era muito maior. As explicações dadas giraram em torno do respeito. Eles disseram que o tempo em que os homens passavam no mato, tanto para caçar quanto para guerrear, era muito maior, o que propiciava a distância de casa e de sua esposa.

Também apontaram que os homens não tinham relação sexual por um respeito com sua esposa e filho, já que, caso a mulher engravidasse em um período menor que três anos, o primeiro filho ficaria fraco.

Nota-se uma coincidência de tempo entre o nascimento de um filho e outro com o tempo de amamentação de cada filho. Se o casal tinha relações sexuais durante o período que a mãe amamentava o bebê, a criança tinha diarreia. Com isso, a casal passava por um período de resguardo de três anos, pois era este o período em que as mães acreditavam ser necessário para o bebê ficar forte. Fica evidente, portanto, que este tempo era de fato respeitado pelo casal, o que impedia uma gravidez antes da criança mais nova completar três anos de idade. Sendo o resguardo o principal método contraceptivo.

Atualmente, este fato mudou e o mesmo pode ser explicado por dois vieses. Ambos têm ligação com o contato com a cultura não indígena, entretanto um destes vieses possibilitou-os a terem acesso aos métodos contraceptivos utilizados pela segunda cultura, como a pílula e a camisinha. Ressalta-se que a pílula não é usada pelas mulheres, já que pensam ser algo que não respeita o próprio corpo. Já a camisinha é usada mais pelos jovens, porém foi relatado que nem sempre há camisinha na aldeia, o que, às vezes, impossibilita o seu uso.

Faz-se necessário apontar um trabalho feito entre a pesquisadora e os jovens da aldeia. Este consistiu em alguns encontros que tratavam principalmente a sexualidade. Em um dos encontros houve várias conversas sobre métodos contraceptivos, dentre eles a camisinha. A citação de tal fato torna-se importante por causa da resposta dada pelos jovens, que disseram usar freqüentemente a camisinha. Talvez estas respostas tenham surgido de forma unânime por uma influencia pelos encontros descritos. Mas também não é possível afirmar com exatidão até que ponto as respostas foram influenciadas pelos encontros e até que ponto o uso do preservativo tem esta freqüência.

O outro viés tem relação com o respeito, que segundo alguns Wari', principalmente os mais velhos, o respeito entre os casais está cada vez menor. Neste sentido e, como consequência, eles não esperam o tempo de três anos para se restabelecer as relações sexuais entre os casais.

17. Festa

No passado as festas reuniam mais de 300 pessoas, vinda de diversas aldeias, contando com mais de um subgrupo. Vilaça (2006, p. 107-8) cita três tipos

delas, o *tamara*, o *huroroin'* e o *hwitop'*; sua estrutura básica é a relação entre os anfitriões e os convidados (ou estrangeiros).

Apesar de cada uma ter suas peculiaridades, a pesquisadora irá se deter aos aspectos gerais de cada uma e, posteriormente irá citá-las em determinadas discussões para o entendimento de pontos relevantes ao tema da pesquisa (**Tabela 5**).

Tabela 5: Características das Festas realizadas pelo povo Wari'.

Tipo de Festa	Iniciativa	Quem participa	Instrumentos
<i>tamara</i>	Outras aldeias chegavam e os anfitriões faziam a festa	Homens jovens e velhos; mulheres solteiras ou sem filhos	Tambor de caucho (<i>towa</i>); Com canções
<i>huroroin'</i>	Anfitriões convidavam	Homens e mulheres (elas tem papel fundamental)	Flauta de bambu (<i>Hwiroroi</i>); Tambor de tronco (<i>wakam</i>); Tambor de caucho pequeno; Com canções
<i>Hwitop'</i>	Anfitriões convidavam	Homens e mulheres, pessoas próximas, que tem intimidade	Flautas transversais e doces de bambu; Tambor de tronco (<i>wakam</i>); Sem canções

As festas que contavam com a presença da mulher, nas quais o papel feminino era importante para a ocorrência da mesma (*huroroin'* e *hwitop'*) se tornaram cada vez mais escassas, pois para que as diferentes aldeias se encontrassem, era necessário atravessar alguns rios, muito deles freqüentados por não indígenas. Portanto, dificultava, ou ainda, impossibilitava a travessia das mulheres com seus filhos e filhas. (VILAÇA, 2006, p.118)

Aqui, há dois pontos que podem ser ressaltados: um referente à tarefa das mulheres de cuidar das crianças, com isso, ficavam nas aldeias enquanto os homens, jovens e velhos, e as mulheres sem filhos, iam às festas. A outra possibilidade pode estar ligada a tarefa guerreira dos homens, com isso, caso encontrassem um não indígena/um inimigo, eles poderiam se defender.

Entretanto, e talvez, as mulheres que os acompanhavam, por ser em menor número – já que participavam apenas as solteiras ou sem filhos – eram mais facilmente defendidas pelos homens de sua aldeia, antes da presença dos não indígenas.

As festas tinham, como uma de suas finalidades, trocar elementos que cada aldeia tinha em abundância e/ou em particular da área onde habitava. Também era o momento para reencontrar parentes e amigos que moravam longe.

Tudo começava quando uma pessoa decidia: "Vamos dançar e ver nosso parente!" A razão explicitada era o desejo de alguém de ver um parente que vivia em terra estrangeira. Também organizavam um *tamara* como um modo de chegar aos estrangeiros e pedir-lhes coisas que estivessem necessitando, como pedra de machado [...] ou milho para plantio [...] (VILAÇA, 2006, p.108)

Também podiam ser idealizadas quando uma aldeia fazia muita chicha e, por isso, chamava as outras aldeias desta etnia para beber junto, cantar e dançar (vide **Figura 13**). As pessoas cantavam as músicas sentadas, dançavam de pé, dando passos para frente e para trás e se enfeitavam para as festividades.

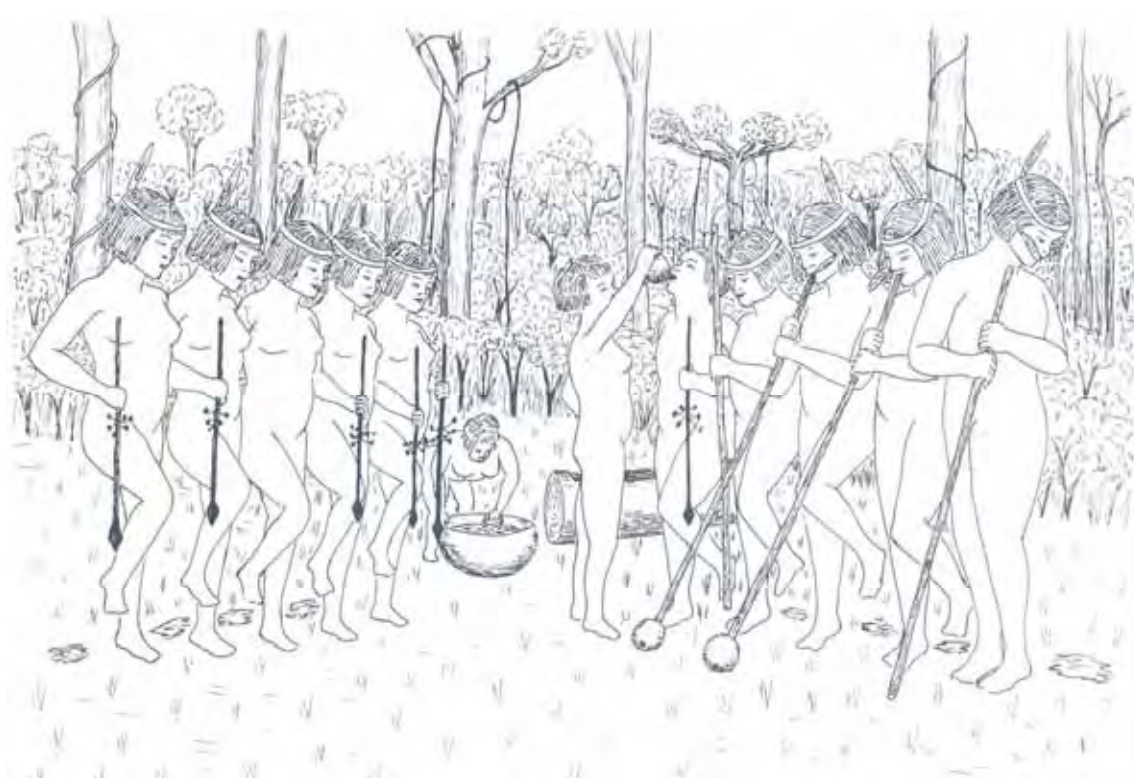


Figura 13: Festa com música, dança e chicha (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

Dentre estes enfeites pode-se incluir as pinturas corporais entre outros adereços que usavam no momento. Também confeccionavam alguns instrumentos – citados na **Tabela 5** – e as festas eram sempre regadas de muita chicha de milho.

(para maiores detalhes e especificidades quanto aos instrumentos e adereços utilizados nas festas, vide item 3 do resultado).

Cabe ressaltar que a chicha era de milho e não de mandioca, como se observa em muitas etnias indígenas brasileiras. Esta bebida consiste na fermentação do milho, podendo ficar doce ou azeda. Havia também uma bebida produzida por frutos silvestres (patauá) ou ainda de mel, quando não estava na época certa do milho para o preparo da chicha.¹⁴

Já atualmente eles disseram que as festas que ocorrem na aldeia são iguais as dos *waijam* (palavra na língua Wari' que significa inimigo e é assim que eles chamam os não indígenas¹⁵), não tocam mais as músicas tradicionais e sim as músicas dos não indígenas. A pesquisadora pôde perceber que essas músicas são as músicas ouvidas também pelos 'civilizados' da região. Muitas vezes os Wari' de Sagarana tocam e/ou compõem músicas na língua deles, porém com o ritmo das músicas dos ditos *waijam*.

Apesar destas festividades bastante similares as festas dos não indígenas, ainda existem dois rituais que trazem consigo a tradição e esta, por sua vez, é passada aos mais novos através dos mesmos. O primeiro deles é a caçada coletiva, a qual acontece no período de cheia e é organizada pelas mulheres, porém realizada predominantemente pelos homens; o segundo é a pesca coletiva, que ocorre no período de seca e é combinada entre os homens, entretanto, realizada predominante pelas mulheres.

Na caçada coletiva, são as mulheres que organizam a expedição. Primeiramente elas combinam um dia entre elas, em segredo, e avisam os homens que vai acontecer a caçada coletiva. Este aviso é feito através de uma brincadeira, as mulheres fazem uma surpresa, saem atrás dos homens (estes, na maioria das vezes, estão desprevenidos) e batem neles com folhas de bananeiras dizendo diferentes nomes de caças e mandam-nos trazerem as mesmas. Quando avisados, os homens combinam o dia que irão sair, enquanto as mulheres preparam chicha doce (bebida fermentada não alcoólica), pamonha, farinha, entre outras comidas para a alimentação dos mesmos durante a expedição.

¹⁴ Cabe colocar que apenas na festa *huroroin'* a chicha de milho é imprescindível, nos outros dois tipos de festa, pode haver outras bebidas que não a chicha de milho. (VILAÇA, 2006)

¹⁵ "Com o fim das expedições guerreiras (desde a 'pacificação' pelo SPI e missionários das Novas Tribos, realizada entre 1956-69), somente os 'civilizados' continuaram a ser chamados *waijam*, o que hoje se observa." (VILAÇA, 1992; p.94)

Nesta caçada, os mais velhos guiam os mais novos, ensinando-os a como se cuidar na mata, como caçar, a tomar banho de manhã cedo (por volta das 4:00 e 5:00 da manhã), pelo mesmo motivo apontado no item 9, pois acreditam que assim irão crescer fortes, além de ser o momento que os homens mais velhos têm a oportunidade de ensinar aos mais novos seus diversos saberes tradicionais.

Alguns hábitos relativos ao crescimento são observados também em outras culturas indígenas. Para os Asurini, segundo Andrade (1992, p.126), pintar o recém-nascido com jenipapo, pode acelerar seu crescimento, esta mesma etnia ainda acredita que cantar e dançar garante o crescimento biológico da pessoa.

Outro aspecto ensinado pelos mais velhos aos jovens é ter resistência (os jovens não podem comer os animais caçados durante este período), sendo assim, eles tem que cuidar de si, para quando se tornarem mais velhos irem caçar e assim alimentar sua família e não a si próprio.

Quando voltam da caçada, fazem flautas tanto de taboca quanto de barro (Casa de cigarra) e assoviam quando estão se aproximando da aldeia (**Figura 14**). Este hábito é também retratado pela Vilaça (1992, p.100) quando, no passado, os homens voltavam de suas expedições guerreiras.



Figura 14: Homens voltando de uma caçada com suas flechas, caça no ombro e assoviando para anunciar a chegada na aldeia (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

Na aldeia, as mulheres os esperam com a chicha azeda (bebida fermentada alcoólica), obrigando os a beber até, muitas vezes, passar mal. Eles denominam

essa atitude como castigar, pois as mulheres se vestem de não indígenas (neste vestir, usam da criatividade para fazer gozação com as características dos ocidentais) e castigam os índios que estão chegando.

Este fato é interessantíssimo, já que no passado o mesmo era feito nas festas. Quando as outras aldeias iam para as festas, a aldeia anfitriã os recebia com muita chicha e os castigava. Este provavelmente era um método para embriagar os convidados, pois assim os anfitriões tinham o controle da situação, já que tratavam os convidados como estrangeiros.

De tanto beber e vomitar, acabavam perdendo os sentidos, entrando em um estado de inconsciência, *itam*, chamado de morte. Os anfitriões diziam que os haviam matado, do mesmo modo que se diz ter matado uma presa, e já os ouvi referirem-se a um conhecido bom bebedor como “aquele que já morreu e ressuscitou várias vezes” (VILAÇA, 2006, p.121)

Já o ritual de pesca coletiva, o qual acontece na época de seca, tem a estrutura muito semelhante ao ritual de caçada coletiva. Entretanto, nele são os homens que combinam o dia para avisar as mulheres. Este aviso é feito através da mesma brincadeira, porém são as mulheres que fazem as próprias comidas para se alimentarem na expedição.

Quando saem, as mais velhas ensinam as mais novas diferentes músicas e pesca de forma tradicional a cultura, passam algumas noites no mato e, por isso, constroem casa temporária, onde pernoitam (**Figura 15**). Esta pesca consiste em ir a um igarapé, o qual é estreito por estar no período de seca. Ao chegar no igarapé, elas juntam diferentes fibras de palmeiras e folhas para assim represar os rios. Com isso, os peixes não passarão dali, ficando concentrados numa região deste curso de água, e assim elas pegam os peixes com as mãos.



Figura 15: Casa temporária, usada atualmente para pernoitar na mata (Retirada de PAM CAMEREM, 19??).

Em uma conversa pessoal, uma jovem, quando descrevia este ritual, disse que não se pode brincar ou rir das músicas cantadas, pois elas são sagradas, elas pedem permissão para a natureza, pois assim não desrespeitarão a mesma nesta pesca. Quando alguém faz o contrário, faz gozação das músicas, pode levar uma mordida de peixe no momento em que estiver pegando-os. Esta “vingança” da natureza é também descrita Vilaça:

Segundo Conklin (p.343-4), *jamikarawa* não costuma atacar os Wari’ sem motivos, mas somente como retribuição a um insulto ou transgressão: ingestão acidental do urucum mágico e outras frutas do animal; demora em cortar e assar a carcaça; tratamento desrespeitoso desta; preparo inadequado (cozinhar ao invés de assar determinados animais, cozinhar certos animais com alguns vegetais considerados incompatíveis) e distribuição não generosa da carne. (VILAÇA, 1992; p.119, nota 33)

Após pegarem uma quantidade de peixe suficiente para toda a aldeia, as mulheres voltam e, chegando lá, também são “castigadas”, bebendo chicha, e há a

distribuição dos peixes para toda a aldeia; o mesmo acontece com as caças, o que mostra um costume após as caçadas abundantes, como cita Vilaça (1992, p.66). A distribuição é feita de maneira proporcional as pessoas e a família a qual faz parte (se for de uma família grande, recebe um pedaço grande). Até mesmo as crianças recebem seu pedaço de caça e este também é proporcional ao seu tamanho.

Ao final de ambas as expedições, tanto aqueles que ficaram na aldeia quanto aqueles que saíram, compõem uma música e quando estão todos reunidos, há uma competição das músicas. Tanto os homens quanto as mulheres catam suas músicas e no final é consenso de qual música foi melhor, ou seja, não há um júri, todos decidem e geralmente é algo unânime, apesar de ser raro, às vezes algumas pessoas não concordarem com o que a maioria decidiu.

Uma competição entre homens e mulheres também pode ser observada pelo povo Xerente, entretanto esta etnia faz uma competição de corridas de toras, podendo esta ser feita entre homens, entre mulheres ou entre homens e mulheres (SILVA, 1992, p.101)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente assim, que a cultura Wari' se transformou ao longo dos anos, tanto por um processo intrínseco a qualquer cultura, quanto por um contato pacífico e, em um primeiro momento, forçado.

Além da convivência quase que diária com os não indígenas (por causa de uma vila próxima à Sagarana, chamada Surpresa), a aldeia ainda conta, há cerca de cinco anos, com alguns aparelhos de televisão.

Assim como acontece na sociedade não indígena brasileira, a influência da televisão na comunidade está cada vez maior. Esta influência se inicia na troca das conversas nas noites de luar por causa de uma novela ou de um jogo de futebol. O que marca a diminuição de um dos momentos mais ricos na transmissão da cultura dos mais velhos para os mais novos, através de várias histórias contadas nestas noites iluminadas.

Com a atuação de algumas instituições que não eram presentes no passado como: a escola, a religião, a mídia, o governo, entre outros meios de comunicação, o processo de transformação da cultura passa a se acelerar. As conseqüências deste fato ficaram evidentes em cada ponto abordado ao longo do trabalho.

Mas, até que ponto tais mudanças são positivas ou negativas na construção da sexualidade? Será esse processo, uma aculturação total da etnia? Será que tais alterações fazem com que eles deixem de ser indígenas? As pessoas desta etnia estão perdendo seus valores? Será que uma pessoa não nascida e crescida nesta cultura/meio é capaz de julgar tais desconstruções e novas construções?

Estas perguntas ainda deslumbram o olhar da pesquisadora e somente o que está porvir mostrará o que acontecerá a esta etnia. O que realmente importa é que a construção da sexualidade deles seja respeitada, à medida que eles elegem suas escolhas, seus caminhos, tão subjetivos, cheios de sabedorias... Não abrindo mão de seus mitos, cultura, mas considerando o entendimento da ciência que o século XXI desvela, como possíveis contribuições não só a eles, mas a todas as pessoas, independente de sua cultura, etnia, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L. **A marca dos tempos**: identidade, estrutura e mudança entre os Asurini do Trocorá **IN Grafismo Indígena**. Editora Studio Nobel, FAPESP e EDUSP. São Paulo, 1992

ARRUDA, L.G. & COL. **O mundo OroWari'** mitos e lendas do povo indígena OroWari'. Guajará-Mirim, RO. 1997

BRANDÃO, C. R. **Participar-pesquisar IN Repensando A Pesquisa Participante**. Editora Brasiliense, 3ed. São Paulo, 1987,

CARAVITA, A. & ARRUDA, D.L.G **Dom Rey: Força de Leão, Coração de Criança**. São Paulo, 2002

CHAUÍ, M. **Repressão Sexual**: essa nossa (des)conhecida. Editora Brasiliense. 3ed. São Paulo, 1984

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO-RO. **Panewa Especial**. Porto Velho, 2002

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**, Cosac Naify, São Paulo, 2003

CONKLIN, B. **O Sistema Médico Wari' (Pakaanóva) IN Saúdes & Povos Indígenas**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz 1994

CONKLIN, B. **Consuming Grief: compassionate cannibalism in na Amazonian society**. 1ed. Austin/TX, EUA. 2001

CONKLIN, B.; VILAÇA, A. **Wari'** in www.socioambiental.org, 1998. Acessado em 27 de Setembro de 2007, às 16 horas..

DEMO, P. **Elementos Metodológicos da Pesquisa Participante IN Repensando A Pesquisa Participante**. Editora Brasiliense, 3ed. São Paulo, 1987.

EAGLETON, T. **A Idéia de Cultura**. Editora UNESP, São Paulo, 2005.

GNACCARINI, J.C. **O Rapto das Donzelas**. Tempo Social. Revista Sociologia USP, São Paulo. 1989

HAVERROTH, M. **O Contexto Cultural das Doenças Diarréicas entre os Wari', Estado de Rondônia, Brasil**: Interfaces entre antropologia e saúde pública. 2004. 331f. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Pós Graduação da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.

HECK, E.; LOEBENS, F.; CARVALHO, P.D. **Amazônia indígena: conquistas e desafios**. Estudo avançado vol.19 no.53 São Paulo, 2005

LABURTHE-TOLRA, P.; WARNIER, J. **Etnologia Antropologia**. Editora Vozes, 2ed. Petrópolis, RJ, 1997.

LARAIA, R.B. **Cultura** um conceito antropológico. Editora Zahar. 23ed. Rio de Janeiro, 2009

MARTINS, M. C. **O Sensível Olhar- pensante IN FREIRE, M. Observação, Registro, Reflexão: instrumentos metodológicos I**. Série Seminários: 3º ed. PND – Produções Gráficas Ltda, SP, 2003.

MASON, J.A. **The Ancient Civilizations of Peru**. Penguin Books. Ringwood, Victoria, Australia, 1964

MEAD, M. **Sexo e Temperamento**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1988, p.

MEIRELES, D.M. **Os Pakaas-Novos**. 1986. Tese (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília. Brasília, DF.

MEIRELES, D.M. **Guardiões da Fronteira** Rio Guaporé, século XVIII. Editora Vozes, Petrópolis, 1989

MIRANDA, E. **O Descobrimento da Biodiversidade: a ecologia de índios, Jesuitas e leigos no século XVI**. Editora Loyola. São Paulo, 2004

NOVAES, M. R. **A Caminho da Farmácia** Pluralismo Médico entre os Wari' de Rondônia. 1996, 271f. Tese (Mestrado em Antropologia Social). Pós Graduação no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP

PAM CAMEREM (Nome Indígena), **d'HIER à AUJURD' HUI**, 19???

PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Série Antropologia 130. Brasília, 1992

PLANS, J.I. **Amazônia, a Igreja diante da devastação ambiental**. São Paulo 1ed. 2007

RIBEIRO, D. **O Povo brasileiro** A formação e o Sentido do Brasil. Companhia das Letras, 2ed. São Paulo, 1995

SALOMON, D. V. **Como Fazer uma Monografia: elementos de metodologia de trabalho científico**. Editora InterLivros. Belo Horizonte, MG, 1979

SILVA, A. **Xavante: casa-aldeia-chão-terra-vida IN Habitações Indígenas**. São Paulo, 1983

SILVA, A.; FARIAS, A. **Pintura Corporal e Sociedade: os “partidos” Xerente IN Grafismo Indígena**. Editora Studio Nobel, FAPESP e EDUSP. São Paulo, 1992.

THIOLLENT, M. Notas Para o Debate sobre Pesquisa-Ação IN Repensando A Pesquisa Participante. Editora Brasiliense, 3ed. São Paulo, 1987

VIDAL, L. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin dp Catete IN Grafismo Indígena. São Paulo, 1992

VIDAL, L. Iconografia e Grafismo Indígena, uma introdução IN Grafismo Indígena. São Paulo, 1992

VIERTLER, R. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia IN Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro, Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste, 2001

VILAÇA, A. Fazendo corpos: reflexões sobre morte e canibalismo entre os Wari' à luz do perspectivismo. São Paulo, Rev. Antropol. vol.41 n.1 1998

VILAÇA, A. Quem Somos Nós: os Wari' encontram os brancos. Rio de Janeiro, 2006

VILAÇA, A. Comendo Como Gente: formas de canibalismo Wari'. Rio de Janeiro, 1992

VILAÇA, A. Os Wari' IN Povos Indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental, 1991/1995, p.556-561

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO 1-A

Versão colocada por Aparecida Vilaça (2006, p.308-310)

Nanananana

É o que os antigos contavam sobre o que aconteceu muito tempo atrás com o espírito da chuva. Chovia muito, muito, vários dias seguidos. Então chegou o espírito da chuva. Parecia uma velha, avó materna deles, mãe das mulheres. Ela trazia um cesto muito velho. As mulheres disseram: “Nossa mãe chegou!” Era igualzinha à mãe das mulheres. A chuva havia se transformado [em gente]. “Você veio, mãe?” “É. O fogo dos irmãos mais velhos de vocês apagou. Eles não têm o que comer”, disse a velha, com uma voz sumida. “É mesmo?”, disse-lhe a filha, que estava mexendo chicha no fogo. A velha sentou junto do fogo e ficou esquentando as mãos. Esquentou, esquentou e disse: “Eu vou embora. Dêem-me fogo que eu vou levar para os irmãos mais velhos [MB, eB] e mães [MZ] de vocês. Estão morrendo lá.” Queria fogo para que pudesse assar a comida, comer. Era mentira. Provavelmente ela tinha fogo. A chuva havia se transformado [em gente]. “Vamos com você, avó materna. Temos pena de você nessa chuva.” “Vocês ficam, vocês ficam. Eu vou sozinha.” Era porque o espírito da chuva não era humano. Ela pegou o fogo. “Leve uma esteira velha, avó materna.” Ela pegou uma esteira velha e protegeu a cabeça da chuva. “Se a velha não tivesse com tanto frio...”, comentaram as pessoas. Ela pegou a bengala e foi embora devagar.

Assim que ela foi embora a chuva engrossou, ficou muito forte. Não era uma chuvinha à-toa. A água começou a chegar nas casas pelo chão. Os peixes chegavam nas casas e as pessoas começaram a matá-los. Nanananana sabia: “Vamos fugir. É possível que afundemos aqui, crianças. Vamos para a casa onde está o nosso milho. A água vai nos matar”, disse ele para as filhas. Ele e as filhas; os

maridos não foram “Vão com o pai de vocês. Nós vamos ficar aqui para matar peixes para que vocês possam assá-los para nós”, disseram às esposas. À noite, eles assaram peixes e comeram. Estavam dormindo quando os antepassados afundaram.

No dia seguinte, o pai [Nanananana] disse: “Vamos ver a aldeia onde estão os pais de nossos netos.” A água tinha inundado as roças. Das casas só se viam os esteios. “Os pais de nossos afundaram, nanananana.” Ouvia-se o som de mulheres moendo milho em pedra, vindo debaixo d’água, como se ainda houvesse gente na aldeia, como se estivessem vivos. “Vamos pegá-los!” Nanananana cortou uns paus, amarrou-os e foi para a aldeia: “Eu tenho pena das minhas filhas, nanananana.” As moças solteiras [que estavam sob a água] disseram: “Está bem. Vamos com o nosso irmão mais velho.” Elas iam subindo pelo pau, subindo, subindo. As mãos delas emergiram. Quando a cabeça delas estava aparecendo na superfície, elas escorregavam e viraram botos. Nanananana disse aos rapazes: “Rapazes, tenham pena de nós. Ficaremos sozinhos.” “Está bem. Vamos encontrar o nosso irmão mais velho [referindo-se a Nanananana].” Então os que dormiam na casa dos homens começaram a subir pelo pau. Quando os braços deles estavam saindo da água, eles escorregaram e viraram lontras [*Lutra platensis*]. “Vou pegar a arara vermelha!” Ela foi andando pelo pau, quando escorregou virou cigana [*opisthocomus hoazin*, que é uma ave da beira d’água]. “Vou pegar o jacamim [*Psophia* SP.]. “E ele virou um tipo de garça. “Tenha pena das crianças, mãe” [que estava sob a água], disse ele. “Está bem”, ela respondeu. A velha concordou. Foi subindo pelo pau, escorregou e virou jacaré. “Vou pegar a borduna.” Mas ela [a borduna] caiu na água e virou peixe elétrico [*Electrophorus electricus*]. “Vou pegar esse pedaço de panela para comermos farinha [de milho].” Ele caiu na água e virou arraia.

Eles voltaram para onde estavam. Depois de um tempo ele disse: “Vamos procurar gente [*wari*], nanananana.” Foi com as filhas para o mato e encontrou a roça da outra gente [*xukun wari*]. Viu frutos, mamões. Disse para as filhas: “Eu encontrei gente [*wari*]. Vamos pegá-los para comermos frutos também.” “Está bem”, disseram as mulheres. “Não tenham medo deles”, ele disse. “Está bem”, responderam as mulheres. O pai sentou-se junto dos frutos. Esperou, esperou, até que apareceram as mulheres [da outra gente]. Elas vieram para comer frutos. Eram filhas da outra gente. O pai delas tinha ficado na pedra [na serra]. “Corte [o fruto] que eu pego aqui, irmã mais velha”, disse uma das mulheres [da outra gente]. Comiam

os frutos quando Nanananana apareceu. Elas gritaram. “Não precisam gritar por minha causa. Os pais de nossos netos afundaram, nanananana.” Ele segurou uma das mulheres pelo braço: “Nós não vamos matar vocês. Os pais de nossos netos afundaram, nanananana.” “É mesmo?” Ele contou tudo para elas e perguntou: “Vocês têm irmãos mais velhos, por parte da mãe de vocês?” “Temos sim. Os nossos irmãos mais velhos ficaram lá.” “Corram e contem a eles!” “Está bem”, elas responderam. Elas partiram. Depois chegaram os irmãos delas, irmãos mais novos e mais velhos. “Você veio?”, eles perguntaram. “Eu vim, nanananana. Os pais de nossos netos afundaram.” “É mesmo!” “Casem-se com minhas filhas”, ele disse. Então os que viviam na pedra tornaram-se homens casados.

O pai desses homens, que vivia dentro da pedra, quis sair. Os filhos já tinham saído. Ele disse: “Quero ver as esposas de vocês, meus filhos.” Ele esfregou no corpo folha para ficar escorregadio, mas não conseguiu passar pelo buraco da pedra. Era muito corpulento. A mãe deles também: “Vou ver as esposas de meus filhos!” Tentou sair, mas não conseguiu passar pelo buraco. Não pôde sair. Os rapazes que se casaram tiveram filhos. Primeiro perto da casa dos pais deles, mas à medida que foram procriando, procriando, ficaram muitos, tiveram de abrir roças cada vez mais longe. É possível que o pai deles tenha morrido. Foram se espalhando e os filhos deles foram abrindo roças.

OBSERVAÇÃO: Esta versão pode ser considerada OroNao. Há outras versões de outros subgrupos, que não serão contadas aqui, porém, se o leitor tiver curiosidade, verificar no livro “Quem Somos Nós” da Aparecida Vilaça, páginas 308-313.

ANEXO 1-B

Versão colocada por Arruda e Col. (1997, p.9-15)

O Dilúvio Contado Pelos Nossos Antigos

Começa a cair uma chuva. Chove muito forte toda uma manhã. Continua a chuva ainda e vai com mesma intensidade o dia todo. Vem a noite e a mesma chuva continua e vara a noite toda. No dia seguinte amanhece chovendo e continua o dia todo. Anoitece ainda com a mesma chuva que continua toda a noite. Amanhece de novo chovendo. Chove toda a manhã. Chove o dia todo. Vem a terceira noite com a mesma chuva, sem nenhuma interrupção. E chove ainda a noite toda. Amanhece o quarto dia com a mesma intensidade de chuva que cai do mesmo jeito durante o dia todo até à noite. Volta ainda a noite e é a mesma chuva que vai com a mesma intensidade por toda a noite.

No quinto dia, logo que amanhece, um grupo de pessoas percebe que vem caminhando para o lado deles, uma velha. Essa velha é o próprio Espírito da chuva. Ela vem se aproximando deles. Ela vem trazendo nas costas um panelo velho. É preto o panelo que ela vem trazendo. Ela vem direto na direção deles. Mesmo com esse mau tempo, ela vem prosseguindo. Logo que a viram já bastante perto, um do grupo disse aos companheiros:

“Acenda alguém aí um fogo, para a nossa vovó poder aquecer-se.” Ela chega. Entra na casa e vem aquecer-se ao fogo. Pega um pouco mais de lenha, coloca-a no fogo e o ajeita melhor. Porém ela fica pouco tempo.

“_Já vou embora, menino.” Diz ela.

“_Espere, vó! Esquente-se um pouco mais aí com o fogo!” Assim falam os presentes.

“_Não, diz ela. Tenho que ir. Adeus para Vocês!”

Imediatamente ela os deixa e sai.

Nesse momento os rios estão todos enchendo. As águas já estão transbordando e espalhando-se pelas terras e pelas matas. Só se vê água correndo para um lado, água correndo para outro lado. Água por todos os cantos. Água cobrindo tudo!...

Os peixes começam então a subir, acompanhando a correnteza das águas. Por toda parte a gente encontra traíras, mandis, surubins, tucunarés...

O pessoal se mete a flechar peixes e a flechar peixes. Todos matam peixes. Matam muitos peixes.

Cai ainda uma vez a noite e a chuva continua sempre do mesmo jeito, forte como no começo. Não se percebe uma mínima diminuição... Chove forte, sem parar. E sempre mais chuva. E as águas subindo, por todos os lados. A essas alturas já fica seca somente aquela parte de terra onde estão.

Um homem mais experimentado reflete então consigo mesmo, compreende a situação, e diz aos outros:

“_Gente, Vamos embora. Vamos sair já daqui, porque vai haver uma alagação!...”

“_Companheiros, insiste ele ainda com os outros, Vamos embora. Eu acredito que vamos ter uma alagação...”

Mas ninguém lhe dá ouvidos. Todos continuam tranquilamente flechando peixes e recolhendo sempre mais peixes.

Ele chama então a esposa e lhe diz:

“_Vamos sair já daqui com nossas crianças.”

“_Vamos, sim. Responde ela.”

Está acabando de cair a noite. Está muito escuro, Mas ele parte assim mesmo, com a escuridão da noite.. Vai embora com a sua família. Dirige-se logo para a sua casa de milho, lá na sua roça. Com muita dificuldade consegue finalmente chegar ao paiol de milho. Lá, cada um instala-se como pode, por cima do milho.

A chuva continua forte, como antes. Chove muito durante a noite. Chove a noite todinha.

Vem chegando a madrugada. Escuta-se então um grande barulho. A terra acaba de se afundar.

Assim contam os nossos antepassados.

O homem escuta o barulho quando a terra se afunda.

E isso aconteceu mesmo. São os nossos antigos que o contam.

“Certamente que se afundaram lá todos os nosso irmãos e parentes!”

Diz o homem.

E ele chora e chora muito até pela manhã.

No dia seguinte ele diz aos filhos:

“Fiquem aqui, Vocês, enquanto eu vou procurar e ver se consigo ainda encontrar algum dos parentes de Vocês.

Assim fala aos filhos e sai.

Ele segue pelo mato, tentando chegar ao lugar das moradas. Vai caminhando, ora para um lado, ora para outro... Ora para cá, ora para lá... Para, finalmente na beira do rio e observa. Nota que a água está ainda subindo.

“_Vou tentar descobrir o lugar onde estavam as casas.” Se diz ele.

Mas não o consegue. Não existe mais nada de terra acima da água!...

Ele para e chora. Chora muito...

Volta então para junto dos seus. AO chegar diz à esposa:

“_Foram-se para o fundo todos os que lá deixamos!...”

“_É mesmo?...” Exclama-se a mulher.

E todos eles choram muito. Choram por muito tempo...

Passa-se esse ano. Passa-se o outro ano. Estão já no terceiro ano em que ele está levando a vida assim triste e preocupado.

Um dia ele diz à esposa:

“_Vamos tentar procurar e ver se existem por aí outras pessoas?”

Ele sai pela mata procurando... Procura de um lado, procura de outro...

Procura aqui, procura ali...

Finalmente descobre vestígios de gente: -Galhos quebrados... outros galhos dobrados... Mais galhos dobrados...

“_Estes são certamente Wari’!” Exclama-se ele.

No dia seguinte ele deixa novamente a esposa em casa:

“_Você fique aqui com as crianças, diz ele à esposa. Eu volto lá para verificar se são Wari’ ou se são brancos que moram por esses lados.”

Dito isso ele sai. Vai andando e reparando com muito cuidado. Repara num lugar, repara num outro... De repente, ei-lo saindo num caminho deles!... um caminho muito grande.

Ele se mete nessa estrada e segue por ela. Percebe logo que PE a estrada da roça deles. Vê logo grande quantidade de mamão. Justo que ele está nesse momento com muita fome. Pega o mamão e come À vontade. Vem já caindo a tardinha. Ele volta para casa. Chega alegre e diz à esposa:

“_Quase que encontro os Wari’!”

“_É mesmo?” Pergunta ela.

NO dia seguinte muito cedo ele diz ainda à esposa:

“_Fiquem ainda aqui, Você e as crianças. EU vou de novo lá certificar-me se são mesmo Wari’ ou não as pessoas cujos sinais eu descobri ontem.”

Parte imediatamente e dirige-se para o mesmo lugar onde esteve na véspera.

Ele chega no lugar antes do amanhecer. Aproxima-se devagar e com muito cuidado. Para e espera aqui... Para e espera mais ali...

A luz do dia vem subindo. Chega enfim o dia completamente.

Logo que acaba de amanhecer ele escuta vozes de um grupo de mulheres. Elas vêm descendo da morada delas numa serra vizinha. Vêm todas numa conversa animada.

Ele se esconde,

Ao chegar na entrada da roça. As mulheres dividem-se em vários grupinhos, continuando a mesma animação da conversa, dirige-se justamente para o lado do nosso homem. Elas vêm parar bem pertinho dele e sempre em grande algazarra de conversa. Isso continua por bons momentos.

Emas delas diz à companheira:

“_Leva alguns mamãos para o meu irmão mais velho, sim?”

“_De acordo, responde a outra. Vou levar uma braçada assim para ele. Está bem?”

E todas riem-se muito entre elas.

Então o homem se diz:

“_Eu vou pegar e segurar uma dessas mulheres, para poder conversar com elas.”

Isso dizendo, ele corre para junto das mulheres, segura uma delas e tenta conversar com ela. Mas a mulher grita apavorada.

Não tenhas medo, diz ele. Na sou um homem branco. Eu vivo também sozinho nas matas.”

Rapidamente ele conta para as mulheres o que se passou: Que os irmãos e parentes dele pereceram todos na grande alagação.

“_Foram ao fundo todos os meus irmão e parente.” Diz ele.

“_Verdade?” Perguntaram as mulheres.

Enquanto estão conversando, muitas outras pessoas_ aproximaram-se deles.

Ele pergunta então à mulher:

“_Na tua família, vocês são numerosos?”

“_Somos numerosos.” Responde a mulher:

“_tenho um irmão mais velhos do que eu. Tenho um irmão mais jovem do que eu. E muitos irmãos e irmãs. Isso aí.”

Ele percebe então um moço que permanece afastado do grupo. Vai até ele e pergunta:

“_E Você, tem parentes também?”

“_Não, responde o rapaz. Eu vivo sozinho.”

“_Queres casar-te com uma filha minha?” Pergunta ainda ele.

Continua interrogando o rapaz e, ao mesmo tempo, vai dando uma volta em torno do mesmo. Nota que ele tem rabo.

Da mesma maneira ele continua interrogando e observando a outros.

Vai assim procurando e examinando a todo o pessoal, Ele que ver se encontra algum que não tenha mais o rabo.

Após muito procurar, encontra um que tem o rabo já bem curto e enroladinho. Pergunta então a esse:

“_Aceitas casa-te com uma filha minha?”

A mesma pergunta ele continua dirigindo a vários outros.

Finalmente encontra um homem que não tem mais nada de rabo.

“_Aceitas casar-te com uma filha minha?” Pergunta-lhe ele.

“_Aceito sim.” Responde o homem.

Com esse ele termina a procura e diz ao pessoal:

“_Vou agora buscar e trazer para cá a mãe e as meninas.”

Dito isso ele parte imediatamente.

Com pouco tempo volta conduzindo a mulher e as filhas.

Ele diz então ao pessoal:

“_Porque vocês não desceriam agora lá dessa serra? Porque não faríamos todos nossas casas aqui, na terra plana?”

O pessoal concorda com ele e começa logo a descer da montanha. E vêm descendo. Vêm descendo. Descem todos.

Começam logo a construir as casas. Todos constroem. Após um certo tempo de trabalho, lá estão as casas já todas prontinhas.

Mas o chefe deles (o cacique) não consegue vir com o pessoal. Ele é muito gordo e fica preso na caverna. Não consegue passar pela porta de pedra. Também

a mulher dele é muito gorda. Ficam ambos presos na caverna. É assim mesmo... Eles têm que ficar lá dentro.

O cacique fica então furioso. Profere insultos, maldições e pragas.

“_Vocês vão crescer muito.” Diz ele. “_Vocês irão crescendo e crescendo. Mas depois vão parar de crescer e vão diminuir. Quando as mulheres de vocês os convidarem para irem tomar banho juntos, essas mulheres de vocês vão ficar pequenas como crianças. Elas não crescerão mais do que A altura da cintura de vocês.”

Assim fala o cacique e deixa isso dito e decidido para toda a vida. E é o que vem acontecendo. Tudo vem se realizando exatamente como ele disse.

Um belo dia o homem diz aos companheiros:

“_Vou cantar uma música para vocês. É uma música que escutei há já muito tempo.”

E ele começa a cantar assim:

“_para e espera aqui, enquanto eu subo ali no mamoeiro... Para e espera aqui enquanto eu subo ali no mamoeiro... Leva depois uma braçada para o meu irmão mais velho...”

É isso aí o canto. Por aí ele termina.

Nesse momento já existe muita gente com ele.

As filhas dele começam a ter filhos. Elas têm já muitos filhos. E continuam tendo sempre mais e mais filhos.

Entretanto, quase todos continuam ainda com o rabo. Só com o tempo é que o rabo vai diminuindo, até que acaba desaparecendo.

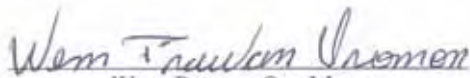
Só então é que começam a ser assim como somos agora,, sem o rabo.

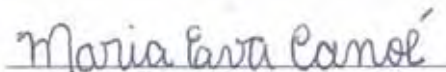
Antes não éramos Oromon, não éramos Ororamxijein ou outro... Éramos todo OROJOWIN (macaco prego).

ANEXO 2**Autorização para a pesquisa****ASSOCIAÇÃO INDÍGENA SAGARANA**

Declaramos para os devidos fins que autorizamos a permanência na aldeia Sagarana da estudante **Elise Albejante** para a realização de sua pesquisa no período de fevereiro a maio de 2008.

Feito em Guajará-Mirim, 11 de maio de 2008


Wem Prawan Oro Mon
Presidente da Associação ind. Sagarana


Maria Eva Canoé
Secretária da Associação Ind. Sagarana

APÊNDICE 1

Entrevista Semi-estruturadas

- Como era/é a paquera? Como se demonstra que está interessada/o?
- Como era/é o namoro? (passado, presente)
- Como era/é o casamento? (passado, presente)
- O que motiva o casamento atualmente?
- Como era a relação entre pais e filhos?
- Qual o papel do homem (pai, marido, trabalhador)?
- Qual o papel da mulher (mãe, esposa, trabalhadora)?
- Como era o nascimento dos filhos? E hoje?
- Controle de natalidade
- Gravidez/Amamentação
- Menstruação/ Ejaculação
- Educação Sexual
- Relação Sexual
- Quem eram os parceiros?
- Relações extraconjugais
- Como eram e são ensinadas as atividades?
- Artesanatos, quem faz?
- Quais os rituais que existem?

APÊNDICE 2

Artesanatos Tradicionais

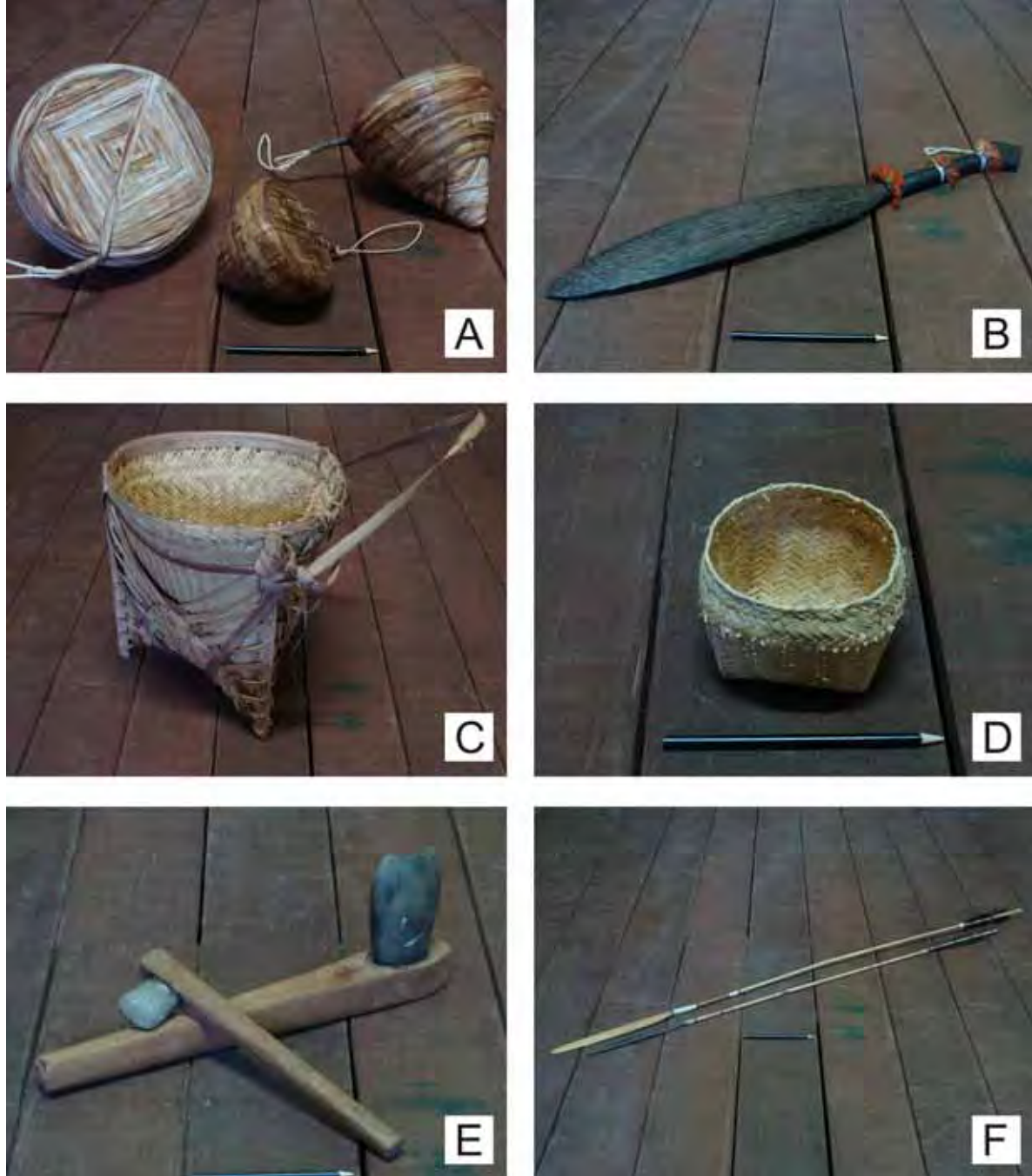


Figura 16: Artesanatos Tradicionais. (A) Tambor tocado nas festas; (B) Borduna; (C) Panero; (D) Cesto Tradicional; (E) Machado de Pedra; (F) Flecha Tradiciona. (Fotos: Luiza Bussius e Michel Metran da Silva)

APÊNDICE 3

Artesanatos modificados com o contato



Figura 17: Diferentes formatos de cestos e Marico (bolsa tradicional de outra etnia). (Fotos: Luiza Bussius e Michel Metran da Silva)

Rio Claro, 21 de dezembro de 2009,

Autora: Elise Mazon Albejante

Orientadora: Profa. Dra. Célia Regina Rossi

Co-Orientadora: Profa. Dra. Bernadete Aparecida de Castro Oliveira